

# humanitas

Vol. XLV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLV • MCMXCIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



BELMIRO FERNANDES PEREIRA  
*Universidade de Aveiro*

## A LIVRARIA DE AQUILES ESTAÇO, *LIBRORVM VENATOR ET HELLVO* \*

Seguindo o exemplo de prestigiados mestres em pesquisas deste género, gostaríamos de, à guisa de pródromo, justificar o interesse deste estudo. Seria, no entanto, ocioso aduzir mais razões às que foram já adiantadas por estudiosos como Sousa Viterbo, Teixeira de Carvalho, Mário Brandão, Joaquim de Carvalho, e, mais recentemente, Isaiás da Rosa Pereira, António de Oliveira, Avelino de Jesus da Costa, Aires Augusto Nascimento e Isabel Vilares Cepeda<sup>1</sup>.

---

\* Uma versão resumida deste texto foi apresentada, em 22.6.1992, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no âmbito das sessões regularmente organizadas pela Associação Portuguesa de Estudos Clássicos. Aproveitamos o ensejo para publicamente agradecer o interesse com que o Senhor Professor Doutor Costa Ramalho acompanhou a elaboração deste trabalho.

<sup>1</sup> J. M. Sousa Viterbo, «A livraria Real, especialmente no Reinado de D. Manuel», *Historia e Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, NS, 2.<sup>a</sup> Classe, t. IX, parte I (1902), pp. 1-73. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, «Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra», *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914, pp. 40-55, 96-110, 148-158, 195-206, 242-254, 295-302, 384-388 e 575-582; «Pedro de Mariz e a Livraria da Universidade de Coimbra», *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914, pp. 389-398, 438-446, 482-494 e 533-542. Mário Brandão, «Contribuições para a história da Universidade de Coimbra — a livraria do Pe. Francisco Suárez», *Biblos* 3 (1927), pp. 325-349; *Estudos Vários*, Coimbra I (1972), pp. 45-122. Joaquim de Carvalho, «A livraria de um letrado do séc. XVI — Fr. Diogo de Murça», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1927; *Obra Completa. II. História da Cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 569-638. Isaiás da Rosa Pereira, «A livraria da Universidade no início do séc. XVI», separata do *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, 37-48 (1967). António de Oliveira, «A livraria de um teólogo do séc. XVI», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* 27 (1966),

Neste domínio, da descrição e análise do significado cultural de livrarias públicas e particulares, a história da cultura portuguesa tem seguido um caminho trilhado também por outras. Recordem-se, para a história do humanismo em Espanha, os trabalhos de F. J. Sanchez Canton sobre as bibliotecas de Juan de Herrera e de D. Rodrigo de Mendoza <sup>2</sup>, e, para o caso italiano, as obras de Pierre de Nolhac dedicadas às livrarias de Fulvio Orsini e Marc-Antoine Muret <sup>3</sup>, os estudos de S. Lattès e G. Mercati sobre a biblioteca de Angelo Colocci <sup>4</sup>, de K. Gersbach sobre a de Onofrio Panvinio <sup>5</sup>, ou de E. Dorez e Irena Backus — Benoît Gain sobre a riquíssima livraria do cardeal Guglielmo Sirleto <sup>6</sup>.

Entre nós a análise dos inventários e catálogos das livrarias do Estudo de Lisboa, da Universidade de Coimbra, do Mosteiro de Santa Cruz, do convento de S. Vicente de Fora, tem-se revelado particularmente fecunda no domínio da história do ensino e da evolução dos estudos humanísticos, teológicos e jurídicos em Portugal, proporcionando-nos informações seguras sobre doações, política de aquisição de livros e sobre a bibliografia disponível para mestres e alunos.

---

pp. 541-588; «A livraria de um canonista do séc. XVI», *Revista da Universidade de Coimbra* 22 (1970), pp. 61-155. Avelino de Jesus da Costa, «A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos sécs. XV a XVIII», separata de *Theologica*, Braga, 18 (1983); *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Coimbra nos sécs. XI a XVI*, Coimbra, Coimbra Editora, 1983. Aires Augusto Nascimento, «Livros e Claustro no séc. XIII em Portugal: o Inventário da Livraria de S. Vicente de Fora, em Lisboa», *Didaskalia* 15 (1985), pp. 229-242. Isabel Vilares Cepeda, «Os livros da Rainha Dona Leonor, segundo o códice 11 352 da Biblioteca Nacional de Lisboa», *Revista da Biblioteca Nacional*, 2.ª série, 2 (1987), pp. 51-81.

<sup>2</sup> F. J. Sanchez Canton, *La biblioteca del Marqués del Cenete: iniciada por el cardenal Mendoza: 1470-1523*, Madrid, Instituto Nicolau Antonio — CSIC, 1942.

<sup>3</sup> Pierre de Nolhac, *La Bibliothèque d'un humaniste au XVIe siècle (Muret)*, Roma, 1883; idem, *La Bibliothèque de Fulvio Orsini — Contribution à l'Histoire des collections d'Italie et à l'étude de la Renaissance*, Paris, Vieweg, 1887.

<sup>4</sup> S. Lattès, «Recherches sur la bibliothèque d'Angelo Colocci», *Mélanges d'archéologie et d'histoire publiés par l'École française de Rome* 48 (1931), pp. 308-344; G. Mercati, «Il soggiorno romano del Virgilio Mediceo nei secoli XV-XVI», *Rendiconti della Pontificia Accademia Romana di archeologia* 12 (1936), pp. 113-124.

<sup>5</sup> K. Gersbach, «The Books and Personal Effects of Young Onofrio Panvinio, O.S.A. in Vat. Lat. 7205», *Analecta Augustiniana* 52 (1989), pp. 53-76.

<sup>6</sup> E. Dorez, «Recherches et documents sur la bibliothèque du cardinal Sirleto», *Mélanges de l'École française de Rome* 11 (1891), pp. 457-491; Irena Backus — Benoît Gain, «Le Cardinal Guglielmo Sirleto (1514-1585), sa bibliothèque et ses traductions de saint Basile», *Mélanges de l'École française de Rome: Moyen Age — Temps Modernes* 98 (1986), pp. 889-955.

Os índices de bibliotecas particulares, de professores como Frei Diogo de Murça, Francisco Rodrigues Fróis e Luís Correia, revelaram-nos a alma dos seus organizadores, já que reflectem a curiosidade intelectual dos seus possuidores e constituem, como escreveu Joaquim de Carvalho, um «valioso indício da sua formação (...) e das suas tendências doutrinárias»<sup>7</sup>, sobretudo se considerarmos o esforço pessoal que a formação de uma biblioteca exigia na época.

O mesmo se poderá dizer em relação aos inventários das livrarias de reis e príncipes, de D. Duarte, do infante D. Fernando, do Condestável D. Pedro, de D. Leonor, D. Manuel, D. João III e de D. Catarina: além de fornecerem elementos preciosos para a história do livro e do seu trânsito, proporcionam informações de inegável valor para bibliógrafos e bibliólogos.

Ora, se é verdade que todas as livrarias referidas, as mais modestas e as mais ricas, constituem excelentes indicadores do nível cultural das instituições e pessoas a que pertenceram, muito mais merecerá a nossa atenção a biblioteca de Aquiles Estaço, porventura a maior e a mais valiosa de todas as bibliotecas quinhentistas possuídas por portugueses.

\* \* \*

Largava Vasco da Gama do Tejo, e pela última vez, em direcção à Índia, quando, naquele ano de 1524, veria a luz, pela vez primeira, o nosso humanista. Na armada seguia seu pai, Paulo Nunes, disposto, no verdor dos seus 24 anos, a tentar no Oriente os lances da fortuna. Na Vidigueira, cabeça do recente condado do Almirante, deixava o filho ainda por nascer; só daí a oito anos lhe veria o rosto depois de ter cumprido os seus deveres de guerreiro na Índia e em África, para logo o levar consigo noutra expedição, desta feita ao Brasil.

Necessário se tornava habituar aos trabalhos da milícia o menino a que dera o nome auspicioso de Aquiles. Mas, nas terras de Santa Cruz, o nosso Estaço logo revelou a sua natural inclinação para os labores do espírito, ao entender-se, a breve trecho, com tupiniquins e tupinambás.

Corrigiu o pai o seu propósito, remetendo o jovem para Lisboa, onde melhor seria que aprendesse as letras com João de Barros, pes-

---

<sup>7</sup> Joaquim de Carvalho, «A livraria de um letrado do séc. XVI — Fr. Diogo de Murça», *Obra Completa. II. História da Cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 576.

soa que, por esta altura, comungava de idênticas preocupações pedagógicas e ultramarinas <sup>8</sup>.

Aquiles Estaço ouviu, depois, as lições de André de Resende, Inácio de Moraes, Azpilcueta Navarro e, facto que tem passado despercebido, ouviu também o nosso primeiro lexicógrafo, como se infere do poema *Ad Achilem Statium*, inserto no *Hieronimi Cardosi Lamacensis sylvarum liber unus [...]* <sup>9</sup>. Nesse texto, complacente, Jerónimo Cardoso aprecia o trabalho poético de Aquiles e, gentil, roga-lhe o privilégio de, mestre desinteressado, partilhar da glória do discípulo (não convém que o general tome a presa devida ao soldado), advertindo, com o *exemplum* de Nero e Séneca, para os perigos de a vaidade resvalar para a ingratidão.

Mas, se em Lisboa, Évora e Coimbra aprendeu os rudimentos de gramática e latinidade, foi além-Pirinéus que Estaço recebeu a sua, digamos, formação superior. Em Paris entrega-se aos estudos bíblicos e teológicos, e em Lovaina e Pádua completa a sua cultura humanística no convívio de Pieter Nannink, Marc-Antoine Muret, Carlo Sigonio e Francesco Robortello. Finalmente, em 1559, estabelece-se em Roma, onde permanecerá até ao fim dos seus dias, desfruindo as rendas da sua erudição, posta ao serviço de três papas e de vários cardeais.

Roma, encerrado o concílio, erguia-se de novo como luzeiro maior da cultura europeia, pelo menos no campo católico. Congregavam-se os melhores canonistas, teólogos, exegetas e eruditos vários para as tarefas instantes decorrentes das disposições conciliares: reforma litúrgica (do breviário, do missal, do martirólogo), rectificação do calendário, revisão da Vulgata, restituição dos textos patrísticos à sua pureza pristina, publicação do *Corpus Iuris Canonici* e de um novo *Index* e formulação de novas sínteses de finalidade pastoral, como o catecismo e as retóricas eclesiásticas <sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Em 1533 João de Barros foi nomeado feitor da Casa da Índia e dois anos depois recebeu uma capitania no Brasil, enviando, então, para lá duas expedições que lhe vieram a trazer sérias dificuldades económicas; e, por esta altura, talvez já acalentasse a ideia do vasto projecto pedagógico da *Grammatica da Lingua Portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja*.

<sup>9</sup> Jerónimo Cardoso, *Hieronimi Cardosi Lamacensis sylvarum liber unus [...]*, Lisboa, apud Ioannem Barrerium, 1564, pp. 41-43.

<sup>10</sup> O novo breviário foi publicado em 1568, em Roma, por Paolo Manuzio; com este texto, por vontade expressa do Papa, e para evitar a pronúncia incorrecta do latim, as sílabas tónicas passaram a ser acentuadas. Em 1570 veio a lume o *Missale Romanum*, promulgado pela bula *Quo primum* de Pio V. Nestes trabalhos tomou parte D. Jorge de Ataíde, futuro bispo de Viseu. Depois de contratempos vários

O Estudo romano, a *Sapienza*, recebia um novo alento, graças, sobretudo, à acção do cardeal Sirleto<sup>11</sup>; o Collegio Romano, fundado por Inácio de Loiola em 1551<sup>12</sup>, facultava a ciência de sábios como

---

o martirológio terá a sua edição definitiva em 1584. A comissão que tinha a seu cargo a reforma do calendário juliano verá em 1582 os seus esforços coroados de êxito com a bula *Inter grauíssimas* de Gregório XIII. O catecismo, redigido entre 1562-1563 pelos cardeais Seripando e Antoniano, por Medina, Galesini e Poggiani e revisto pela comissão Sirleto, sai em 1566 dos prelos romanos de Paolo Manuzio. Nesse mesmo ano Pio V nomeia os *Correctores Romani*, grupo de canonistas que procederá à revisão do Decreto de Graciano, finalmente corrigido na edição romana de 1580 (vd. Irena Backus — Benoît Gain, «Le Cardinal Guglielmo Sirleto (1514-1585), sa bibliothèque et ses traductions de saint Basile», *Mélanges de l'École française de Rome: Moyen Age — Temps Modernes* 98 (1986), pp. 889-955 e a bibliografia aí indicada).

Sob a égide do cardeal Carlos Borromeu vêm a público três retóricas eclesiásticas: a *Augustini Valerii Episcopi Veronae De Rhetorica ecclesiastica ad clericos libri tres* (Verona, 1574), os *Ioannis Boteri Benensis De Praedicatorum Verbi Dei libri quinque iussu ... Caroli Cardinalis Borromaei conscripti* (Paris, 1585) e *Il Predicatore, ovvero Demetrio Falereo dell'elocutione con le paraphrasi e commenti e discorsi di... F. Panigarola* (Veneza, 1609). Conforme ao espírito das retóricas borromeanas surgem ainda os *Ecclesiasticae Rhetoricae siue de ratione concionandi libri sex, nunc primum in lucem editi* de Frei Luís de Granada (Lisboa, António Ribeiro, 1576) e o *Modus concionandi* de Frei Diego de Estella (Salamanca, ex officina Ioannis Baptista a Terranoua, 1576). Vd. Marc Fumaroli, *L'âge de l'éloquence. Rhétorique et «res literaria» de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Genève, Librairie Droz, 1980, pp. 142-150.

<sup>11</sup> Refira-se que, por esta altura, exerciam aí o seu magistério, ao lado de Silvio Antoniano e Marc-Antoine Muret, alguns portugueses, os doutores Jorge Calhandro, Tomé Correia e João Vaz da Mota, vd. F. M. Renazzi, *Storia dell'Università degli Studi di Roma detta comunemente La Sapienza*, vol. II, Roma, nella Stamperia Pagliarini, 1803. Guglielmo Sirleto nasceu em Guardavalle, na Calábria, em 1514, no meio de uma paisagem austera propícia à vida monástica. Fez os seus estudos de filosofia, teologia e matemática em Nápoles, aprendendo de caminho as três línguas, o latim, o grego e o hebraico. O cardeal Marcello Cervini, futuro Papa Marcelo II, recebe-o como familiar e em 1548 fá-lo entrar para a Vaticana. Quando o protector ascende ao sólio pontifício, Sirleto é nomeado secretário dos breves. Pio IV, a instâncias de Carlos Borromeu, outorga-lhe em 1565 o chapéu cardinalício e sob Pio V, em 1572, recebe o título de cardeal bibliotecário da Santa Igreja romana e protector da Biblioteca vaticana. Tomou parte em quase todas as comissões encarregadas de executar os decretos tridentinos. Assistido por S. Filipe de Neri, veio a falecer, em Roma, a 6.10.1585. Vd. P. E. Commodaro, «Il cardinale Guglielmo Sirleto (1514-1585)», *La provincia di Catanzaro* 4 (1985) e Irena Backus — Benoît Gain, «Le Cardinal Guglielmo Sirleto (1514-1585), sa bibliothèque et ses traductions de saint Basile», *Mélanges de l'École française de Rome: Moyen Age — Temps Modernes* 98 (1986), pp. 889-955.

<sup>12</sup> Vd. Ricardo G. Villoslada, *Storia del Collegio Romano dal suo inizio (1551) alla soppressione della Compagnia di Gesù (1773)*, Roma, apud aedes Universitatis Gregorianae, 1954; sublinhe-se a enorme repercussão de textos escolares de portu-

Cristóvão Clávio, matemático e astrónomo alemão que no nosso Colégio das Artes se iniciara nos *studia humanitatis*, e tornava-se o polo difusor dos renovados modelos pedagógicos propostos pelos jesuítas. Gregório XIII fundava o Colégio Grego, o Colégio dos Neófitos, o Colégio Maronita e o Colégio Arménio e o já referido Guglielmo Sirleto, guarda-mor da Biblioteca Vaticana desde 1554, continua e incrementa a obra de enriquecimento da livraria apostólica, iniciada no pontificado de Paulo III, com a procura de manuscritos orientais, bizantinos e gregos que alimentam os prelos de Antonio Bladio, Filippo e Giacomo Giunta, Francesco Priscianese e os aldinios de Veneza<sup>13</sup>.

A biblioteca fervilhava de actividade; sob Pio IV empregava dois vigilantes, dois correctores para o grego e o latim, três copistas, para o grego, latim e hebraico, um restaurador e um varredor. Entre os revisores encontramos dois amigos de Aquiles Estação, o poeta Gabriele Faerno, editor de Terêncio, e Onofrio Panvinio (1530-1568), fâmulos do cardeal Alessandro Farnese e autor de uma obra vastíssima e muito apreciada tanto no âmbito da arqueologia, como no da história antiga e eclesiástica. Sirleto abandona os autores pagãos para pôr a livraria apostólica ao serviço das directrizes conciliares, ordenando a pesquisa sistemática dos manuscritos em ordem à preparação de edições depuradas; reconhece-se, então, o valor da Vaticana como repositório de textos patrísticos, e, para propagar esses renovados modelos da espiritualidade e da arte concionatória, Pio IV encarrega Paolo Manuzio de organizar a tipografia vaticana que, pelos obstáculos encontrados, passará, em 1563, a *Stamperia del Popolo Romano*, resultando, do labor de Manuzio, cerca de sessenta edições<sup>14</sup>. Com Gregório XIII a Biblioteca Vaticana abre-se liberalmente a sábios como Cesare Baronio, que podem, agora, recorrer ao empréstimo das espécies de que estão necessitados nos seus trabalhos<sup>15</sup>.

---

gueses como Cipriano Soares (embora de origem espanhola é geralmente referido como português pelos muitos anos que viveu entre nós), Pedro da Fonseca e Manuel Álvares e a importância do magistério de Manuel de Sá e Pedro Perpilhão, vd. Jean Dietz Moss, «The Rhetoric Course at the Collegio Romano in the Latter Half of the Sixteenth Century», *Rhetorica*, 4.2 (1986), pp. 137-151.

<sup>13</sup> J. Bignami Odier, *La Bibliothèque Vaticane de Sixte IV à Pie XI. Recherches sur l'histoire des collections de manuscrits*, Città del Vaticano, Bibl. Apost. Vaticana, 1973.

<sup>14</sup> J. Bignami Odier, *op. cit.*, p. 49, vd. também Francesco Barberi, *Paolo Manuzio e la Stamperia del Popolo Romano (1561-1570)*, Roma, 1942, reed. 1985.

<sup>15</sup> Recorde-se a descrição da livraria apostólica feita por M. de Montaigne, depois de a ter visitado em 6.3.1581, no seu *Journal de Voyage en Italie*, «le 6 de mars,

É neste meio que vive durante mais de duas décadas o nosso humanista Aquiles Estaço, relacionando-se com todas estas figuras de maior ou menor relevo e ainda com muitos outros como Dorat, Binet, Vettori, Melisso, Latino Latini, Agustín, Frizzoli, Gambarara, Pinelli, Hósio, etc..

Ligado aos novos mundos, conhecendo directa e indirectamente a Índia, a África e o Brasil, formado nas melhores escolas, Paris, Lovaina e Pádua, é Aquiles Estaço, sem dúvida, uma figura emblemática do século, humanista cristão e depois humanista católico, personagem discreta mas muito representativa dos primeiros tempos da Contra-Reforma.

Estaço a partir de 1575, ano em que foi formalmente reconhecida a Congregação do Oratório, publica somente traduções e comentários de textos patrísticos, entrega-se a uma vida devota consagrando todos os seus ócios à meditação e à leitura espiritual. As anotações que encontramos em alguns dos seus inéditos revelam-nos um frequentador assíduo do Oratório de Filipe de Neri e um ouvinte habitual dos púlpitos de S. Maria sopra Minerva, S. Luís dos Franceses, S. António dos Portugueses, S. Maria in Trastevere, S. Giovanni dei Fiorentini. Muitas são as notas tiradas das pregações do Padre Lupo, espanhol que não lográmos ainda identificar, do Padre Foreiro, o conhecido exegeta português, e, mais ainda, de S. Filipe de Neri.

A comunhão espiritual entre o Padre Filipe e o nosso Estaço devia ser enorme. Aquiles partilhava com os padres do Oratório, como se pode ver pelas suas últimas obras publicadas e pelos inéditos, o gosto pela patrística, pela historiografia eclesiástica, pela arqueologia cristã<sup>16</sup>.

«Il libro è il tramite dello Spirito Santo» dizia Filipe de Neri aos seus e, na verdade, na vida do Oratório, os livros tinham papel de relevo. O «ragionamento sopra il libro» constituía uma das práticas comunitá-

---

je fus voir la librairie du Vatican, qui est en cinq ou six salles tout de suite. Il y a un grand nombre de livres attachés sur plusieurs rangs de pupitres; il y en a aussi dans des coffres, qui me furent tous ouverts; force livres écrits à main, et notamment un Sénèque et les opuscules de Plutarque. [...] J'y vis le bréviaire de saint Grégoire, écrit à main: il ne porte nul témoignage de l'année, mais ils tiennent que de main à main il est venu de lui. C'est un missel à peu près comme le nôtre; et fu apporté au dernier concile de Trente pour servir de témoignage à nos cérémonies. [...] Je la vis, sans nulle difficulté; chacun la voit ainsi et en extrait ce qu'il veut; et est ouverte quasi tous les matins; et si fus conduit partout et convié par un gentilhomme d'en user quand je voudrais», Montaigne, *Oeuvres Complètes*, texte établi et annoté par Robert Barral en coll. avec Pierre Michel, Paris, Éditions du Seuil, 1967, p. 495.

<sup>16</sup> Bastará recordar a obra arqueológica de Antonio Bosio, depois chamado o Cristóvão Colombo das Catacumbas, e a obra historiográfica de Cesare Baronio.

rias mais importantes no quotidiano dos oratorianos<sup>17</sup>. No Padre Filipe o nosso humanista, bibliófilo, quando não bibliómano, encontrou, pois, toda a compreensão.

Por iniciativa de S. Filipe criava-se aquela que se tornaria a primeira biblioteca romana aberta ao público, pouco depois dotada também de uma tipografia (na casa de Andrea Brugiotti, copista do cardeal Baronio). Mas, como declara Rita Delcroix, num livro recente e de larga divulgação<sup>18</sup>, «il suo atto di fondazione si può considerare il lascito dell'umanista portoghese Achille Stazio, che elesse Filippo erede universale»<sup>19</sup>.

Com efeito, a 25 de Maio de 1581, Aquiles Estaço exarou o seu testamento, junto do notário Nicolai Compagnus, deixando à igreja de S. Maria e S. Gregório in Vallicella a livraria e uma parte dos seus bens<sup>20</sup>. Duas cláusulas do documento recomendavam que os livros

<sup>17</sup> Sobre a importância do livro devoto e em particular do manual ascético-místico, vd. Gabriella Zarri, «Note su diffusione e circolazione di testi devoti (1520-1550)», *Libri, idee e sentimenti religiosi nel Cinquecento italiano*, Ferrara, Edizioni Panini, 1987, pp. 131-154. «Il libro costituisce un elemento imprescindibile per il progresso spirituale (...) chi (...) vuole conseguire vittoria su se stesso può servirsi dell'aiuto di ottimi libri, «tra quali sommamente laudo [escreve Serafino da Fermo, cónego regular de St.º Agostinho] Giovanni Cassiano, Specchio di Croce, Gerson e molti altri quali te saranno in vece di maestro», p. 144.

<sup>18</sup> *Filippo Neri il santo dell'allegria*, Roma, Newton Compton Editori, 1991 (2.ª ed., a 1.ª é de 1989), pp. 182-184.

<sup>19</sup> O legado de Aquiles Estaço foi de importância decisiva não só para a constituição da biblioteca filipina como também para a definição da sua natureza, uma vez que, entre as exigências testamentárias declaradas, figurava a de que se consentisse o acesso a qualquer um *ex extraneis probis uiris ibi conuenientibus*. Vd. M. Teresa Bonadonna Russo, «Origini e vicende della Biblioteca Vallicelliana», *Studi Romani* 26 (1978), p. 15: «L'esigenza di una biblioteca come strumento comune di lavoro, e la concezione di essa come patrimonio culturale da mettere a disposizione di terzi, non nacque dunque subito nella Congregazione, ma maturò lentamente nel corso degli anni, favorita certo in parte dalla sempre maggiore importanza e diffusione assunta dai sermoni, la cui preparazione diveniva sempre piú ampia e approfondita, ma determinata in modo decisivo dal gesto di uno dei piú antichi e fedeli seguaci di s. Filippo [sc. Aquiles Estaço]».

<sup>20</sup> Archivio di Stato di Roma, Segretari e Cancellieri R. C. A., notaio Nicolai Compagnus 579, fols. 565-570. O codicilo foi, parcialmente, publicado por Elena Pinto, *La Biblioteca Vallicelliana in Roma*, Roma, nella Sede della Società alla Biblioteca Vallicelliana, 1932, pp. 111-112. Ao contrário do que se tem escrito, os padres filipinos não foram os únicos beneficiários do testamento estaciano. A leitura do documento permite-nos, aliás, corrigir o que escrevemos em *As orações de obediência de Aquiles Estaço*, p. 22; na verdade, de forma alguma poderemos considerar modestos os recursos possuídos pelo nosso humanista. Contemplados no documento foram também os frades de S. Maria sopra Minerva, a *Ecclesia Orphanorum*, a con-

fossem guardados, em espaço apropriado, num único local, e que se procedesse, com a maior brevidade, à sua inventariação.

Este último desejo foi satisfeito a 17 de Setembro de 1581, isto é, logo após a morte do doador; todavia, esse primeiro índice dos livros de Aquiles Estaço é muito sumário, pois regra geral fornece apenas o nome do autor, não obedecendo a qualquer critério de sistematização <sup>21</sup>.

Recebeu a biblioteca outros legados menores: as livrarias de Giacomo Antonio Carli, Nicolò Gigli e de Setticelli, a do padre Virgilio Boccacci da Cingoli, as livrarias de Francesco de Bernardis, de Vincenzo Bandalocchi e do espanhol Biagio Messia, os livros do próprio Padre Filipe, 516 volumes e 30 manuscritos, «non pochi per quei tempi (...)».

Nos primeiros anos do século seguinte entram fundos bibliográficos valiosos como os de Silvio Antoniano, de Pierre Morin e do cardeal Baronio <sup>22</sup>.

---

fraria do Santíssimo Sacramento da basílica de S. Pedro, os irmãos de Aquiles Estaço: madre Maria da Anunciação, que vivia no convento de S. Domingos em Abrantes, e Estevão Nunes Estaço; a igreja de S. Maria in Via; os cônegos agostinhos de Pádua; os franciscanos de S. António em Veneza; um seu aluno *Joanni baptistae de placentis*; um tal *Philippo Decio*; os hospitais *S.me Trinitatis convalescentium* e *Scti Jacobi Incurabilium*; a *ecclesia Indianorum* e a de S. Marta em Roma; certo *Antonio filio D. Catherine* que assistira Aquiles na enfermidade; D. Camila, irmã de D. Pedro da Cunha; Manuel Mendes; o médico do Papa; *Alexander Raualius Referendarius Apostolicus*. Em relação ao meio-irmão de Aquiles, Estevão Nunes Estaço, o testamento do humanista confirma a notícia inserta no manuscrito quinhentista revelado por António Baião e que este supõe corresponder à primeira tentativa de elaboração de uma *Biblioteca Portuguesa* levada a cabo por Francisco Galvão. Aí se declarava que Estevão Nunes Estaço era meio-irmão de Aquiles Estaço por parte do pai e que «morreo de arcabuzada na varãda da camara de Arraiolos indo cõ o duque a Lix.<sup>a</sup> na volta dos ingresses» e que o pai de ambos era Paulo Nunes que «veyo da Índia por terra, morreo frade na provincia d'Arrabida» (p. 430). Mais se informa que o dito Aquiles «sendo mancebo de esperanças e de algum nome por certas mercês que elreij dom Joam lhe dilatou com aggravo de seu pai e seu se passou em França não sendo bastante o cardeal D. Henrique pera o reter com promessas.» (p. 434), cf. António Baião, «Um precursor de Barbosa Machado e Inocêncio nos fins do séc. XVI», *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras*, 1 (1936), pp. 427-439.

<sup>21</sup> Archivio di Stato di Roma, Segretari e Cancellieri R. C. A., notaio Nicolai Compagnus 579, fols. 703r-740v.

<sup>22</sup> Vd. R. Delcroix, *op. cit.*, *ibidem*; M. Teresa Bonadonna Russo, «Origini e vicende della Biblioteca Vallicelliana», *Studi Romani* 26 (1978), pp. 14-34 e E. Pinto, *op. cit.*, *passim*. Um autor português presente na livraria do cardeal Silvio Antoniano é Jerónimo Osório com o tratado *De iustitia*, Venetiis, apud Ioan. Andream Valuassorem, 1564 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. C. III, 138).

Até meados do séc. XVII todas estas colecções andaram dispersas; a escassez de meios ainda então impedia que se cumprisse a vontade do humanista português expressa no seu testamento.

A 5 de Outubro de 1605, a fim de seleccionar os volumes que poderiam ser alienados (recorde-se que era prática corrente vender duplicados e substituir livros em mau estado, ainda que preciosos, por edições recentes), Pietro Consolini procedeu à revisão da livraria estaciana da qual resultou o reconhecimento de que faltavam já sessenta obras. A venda de livros da biblioteca estaciana desrespeitava a vontade expressa pelo doador no seu testamento; para contornar a dificuldade os padres pediram autorização ao Papa Paulo V<sup>23</sup>. Estas diligências estão documentadas também em uma nota solta, inserta, à guisa de folha de guarda, no códice vallicelliano P. 186, inventário muito mais completo do que o breve catálogo de 1581 e que deve ter sido executado entre 1581 e 1605. Aí, com alguma dificuldade, podemos ler:

*alli [...] di ottobre 1605 si e dato un memoriale alla Santità di N. S. Paolo V, domandādoli di pottere leuare dalla nostra libreria li libri introscritti dello Statio et metter ne gli in essi altri stimati migliori in loro luogo et a di 22 del mese di nouembre 1605. Il Card. Panfilio Vicario al quali il dº memoriale fù rimesso da Sua Santità ha concesso licenza.*

Este inventário do códice vallicelliano P. 186 constitui, portanto, a nossa principal fonte para o conhecimento da livraria estaciana.

Apresenta um total de 2 379 títulos (dos quais 244 seriam manuscritos) recenseados de forma um tanto sumária. Regista-se o título da obra, o autor, o número de volumes, o formato e a colocação, esta última para nós de nulo valor. Só muito raramente se indica o local, o impressor ou o ano de edição, donde se segue que a tentativa de identificação das espécies resulta em trabalho moroso e não isento de dificuldades.

Nos últimos anos, porém, graças à diligência de Maria Teresa Rosa e Patrizia Formica, bibliotecárias da Vallicelliana, foi possível reconstituir grande parte da colecção de manuscritos da livraria estaciana<sup>24</sup>. Com efeito, a análise dos autógrafos e dos «ex-libris», existentes sobretudo nos manuscritos latinos, e o confronto com a descrição do inven-

<sup>23</sup> Bibl. Vallicelliana, P. 204, fol. 39.

<sup>24</sup> Maria Teresa Rosa — Patrizia Formica, «Contributo per una ricostruzione della biblioteca manoscritta di Achille Stazio», *Accademie e Biblioteche d'Italia* 55 (1987), pp. 5-16 e Patrizia Formica, «Ancora sulla biblioteca manoscritta di Stazio», *Accademie e Biblioteche d'Italia* 57 (1989), pp. 5-14.

tário do ms. P. 186 permitiu identificar já, pelo menos, 144 manuscritos latinos e cerca de 67 manuscritos gregos.

Este número impressionante de livros, terminadas as grandes construções da nova sede da biblioteca e da casa dos filipinos, passou, em 1644, para o Salone Borromini, que toma o nome do arquitecto do Oratório, Francesco Borromini, grande rival de Bernini<sup>25</sup>.

Fruto de circunstâncias várias e da miopia dos homens nem todos estes livros se encontram hoje na Biblioteca Vallicelliana, alguns foram dispersos por outras bibliotecas, outros levaram sumiço por ocasião das invasões napoleónicas em 1797-99, e durante o subsequente domínio francês, sobretudo com a extinção das ordens religiosas<sup>26</sup>. Um último momento de perigo para a Vallicelliana, de que, afortunadamente, escapou incólume, foi o das expropriações efectuadas em 1870 pelos jacobinos do *Risorgimento*<sup>27</sup>.

As obras, que pudemos até agora identificar, distribuem-se, harmoniosamente, por todas as épocas, com ligeira vantagem para a idade moderna.

Clássicos gregos	208
Clássicos latinos	239
Padres da Igreja	222
Autores medievais	198
Autores modernos	363

Em relação à origem geográfica dos autores há também algum equilíbrio apesar do claríssimo predomínio dos italianos

Greco-bizantinos	14
Britânicos	23
Portugueses	37
Germânicos	61
Espanhóis	62
Franceses	71
Italianos	210

<sup>25</sup> Vd. M. Teresa Bonadonna Russo, «Origini e vicende della Biblioteca Vallicelliana», *Studi Romani* 26 (1978), pp. 14-34.

<sup>26</sup> A título ilustrativo indicamos três casos de manuscritos comprovadamente estacianos que saíram da Vallicelliana: o ms. V.E. 1458 da Biblioteca Nacional de Roma (transferido recentemente de novo para a Biblioteca Vallicelliana), o Ashburnham 1051 da Biblioteca Nacional de Florença e o códice vallicelliano B. 109 hoje na Biblioteca Nacional de Paris (trata-se de uma edição aldina de Catulo, Tibulo e Propércio, de 1502, profusamente anotada por Aquiles Estaço e que foi identificada por B. L. Ullman em *The identification of the manuscripts of Catullus cited in Statius's edition of 1566*, Chicago, Chicago University Press, 1908).

<sup>27</sup> Vd. Elena Pinto, *op. cit.*, pp. 101-106.

\* \* \*

Exame atento merecem obviamente os livros de portugueses. Assinale-se, desde já, a presença de algumas edições raríssimas que passamos a descrever:

Os *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso (1515/1520 — antes de 1596), figura da qual ainda hoje, em rigor, pouco sabemos. Terá nascido em Trancoso e desempenhado funções de preceptor de meninos, mestre de latim, calígrafo e homem de direito.

Desde Faria e Sousa que tem passado por autor do primeiro livro de contos publicado nas Espanhas, pretensão que Menéndez y Pelayo procurou invalidar.

Na sua obra, segundo João Palma-Ferreira, «opera-se a fusão da literatura culta italiana com a cultura popular»<sup>28</sup>. Além da tradição moralista peninsular, foram detectados já temas presentes em Boccaccio, Bandello, Straparola, Giraldo Cintio e Franco Sacchetti. A natureza da obra poderá, pois, ajudar a compreender a existência dos *Contos* na livraria de Aquiles Estação.

Uma vez que a segunda edição é de 1585, o exemplar da biblioteca estaciana, assinalado já no índice de 1581<sup>29</sup>, só pode pertencer à primeira edição. Infelizmente desconhece-se a sua existência na Biblioteca Vallicelliana: não figura no catálogo moderno desta biblioteca. Tratar-se-ia, sem dúvida, de uma espécie raríssima já que da até agora considerada edição *princeps* apenas se conhece o exemplar mal conservado da Biblioteca Oliveira Lima, hoje na Catholic University of America em Washington<sup>30</sup>.

De Jerónimo Cardoso encontramos o *Hieronymi Cardosi Lusitani Epistolarum Familiarium libellus*, epistolário a vários títulos de muito interesse, editado in-8º em Lisboa, *apud Ioannem Barrerium Typographum Regium*, em 1556. Desta edição conhecia-se apenas o exemplar,

<sup>28</sup> João Palma-Ferreira, *Novelistas e Contistas Portugueses do Séc. XVI*, Lisboa, INCM, 1982, p. 150.

<sup>29</sup> Archivio di Stato di Roma, Segretari e Cancellieri R. C. A., notaio Nicolai Compagnus 579, fols. 734v.: *historie de trancoso spagnuolo*.

<sup>30</sup> Lisboa, António Gonçalves, 1575, vd. João Palma-Ferreira, prefácio à edição dos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, Lisboa, INCM, 1974, e, ainda do mesmo autor, *Obscuros e marginados*, Lisboa, INCM, 1980, pp. 29-83. Com introdução de J. Palma-Ferreira, há uma edição fac-similada da impressão de 1575 (Lisboa, Biblioteca Nacional, 1982).

em muito mau estado, da Biblioteca Nacional de Madrid, R. 22818(1) (de que há fotocópia na BGUC); este, da Biblioteca Vallicelliana (S. Borr. Q. I. 241), referiu-o já Francisco Leite de Faria nos seus *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua Época*<sup>31</sup>.

O inventário regista mais duas obras de Jerónimo Cardoso o *Hieronymi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in Latinum sermonem*, publicado em 1562, em Lisboa, *ex officina Ioannis Aluari typographi Regii* (B. Vallicelliana — S. Borr. Q. II. 124) que no cólofon apresenta a data de 1563 e traz em adenda um *Index omissorum* de A a Z, onde estão arroladas algumas novidades lexicográficas como:

Brasil regiam. Brasilia, ae  
 Brasil pao. Cotinus, i  
 Brasil cor. Purpurisum, i  
 Christam velho. Orthodoxus, a, um  
 Christam nouo. Neophitus, a, um

e uma outra obra que, pela parcimónia do registo, não pudemos identificar.

Outro opúsculo muito raro averbado no inventário é a oração de sapiência proferida a 1 de Outubro de 1548 por Belchior Beleago, *Melchioris Beleago Portuensis de Disciplinarum omnium studiis oratio ad uniuersam Academiam Conimbricæ habita*, publicada no mesmo ano, em Coimbra, *apud Ioannem Barrerium et Ioannem Aluarez*.

A Senhora Professora M. H. da Rocha Pereira, na sua edição do discurso de Beleago<sup>32</sup>, escreveu o seguinte: «conhecem-se apenas dois exemplares quinhentistas impressos, um pertencente à Biblioteca Pública Municipal do Porto e outro à de Évora». Ora, há, pelo menos, mais dois exemplares, este da Biblioteca Vallicelliana (S. Borr. G. II. 149 (4)) e outro na Biblioteca Menéndez Pelayo em Santander, assinalado por Luís de Matos na sua tese de doutoramento apresentada na Sorbonne e, finalmente, há pouco editada<sup>33</sup>.

Encadernado com um cerimonial romano surge uma *Chron. Carmel. Lusit.*, que deve corresponder ao *Compendio das Chronicas. Chronicas*

<sup>31</sup> Francisco Leite de Faria, *Estudos bibliográficos sobre Damião de Góis e a sua Época*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1977, p. 42.

<sup>32</sup> M. H. da Rocha Pereira, *Belchior Beleago. Oração sobre o estudo de todas as disciplinas*, ed. facsimilada da ed. de 1548, introd. e notas de ..., Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1959.

<sup>33</sup> Luís de Matos, *L'Expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 570.

da *Ordem de Nossa Senhora do Carmo*, publicado, talvez em Lisboa, por António Gonçalves, em 1572<sup>34</sup>. Não há notícia da sua existência na Vallicelliana.

Originário do actual território português, o autor mais antigo presente é Paulo Orósio (c. 385 — depois de 423) com três diferentes edições, uma in-4º, outra in-8º e a terceira in-folio, dos *Historiarum aduersus paganos libri VII* (a edição príncipe saiu em Veneza em 1475), e com uma cópia manuscrita da *Pauli Orosii Cosmographia*. Da primeira obra conserva-se na Biblioteca Vallicelliana um exemplar in-4º da edição parisiense de 1510 (cota: S. Borr. F. II. 333. 1), inserido numa miscelânea, que inclui *Berosus Babilonicus de his quae praecesserunt inundationem terrarum. Item. Myrsilus de origine Tirrenhorum. Cato in fragmentis* e os *Sermones Convivales* de Konrad Peutinger, e ainda um outro in-8º da edição de Colónia, de 1574, *apud Maternum Cholinum*, exemplar que apresenta, porém, a seguinte indicação de posse: *ex legato Cardinalis Colloredi*. O texto da *Cosmographia* corresponde, sem dúvida, ao manuscrito vallicelliano C. 60, códice assinalado pelo duplo selo da Congregação do Oratório e pela abreviatura *A. S.*, marca de posse de Aquiles Estaço.

A Idade Média figura com uma obra in-folio de Pedro Hispano (1205/10-1277); é impossível determinar qual seja, se o *Tractatus*, divulgado sob o título *Summulae logicae*, se o *Thesaurus pauperum*, ambos tiveram enorme difusão durante toda a Idade Média e Renascimento<sup>35</sup>.

Outro tratadista medieval registado, e este particularmente grato à mentalidade contra-reformista, é o galego-português, bispo de Silves, Álvaro Pais, com os *De planctu ecclesiae libri duo*, impressos em Veneza, *ex officina Francisci Sansovini et sociorum*, em 1560 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. L. II. 22).

Os representantes mais qualificados do nosso humanismo, e reconhecidos além fronteiras, figuravam na livraria de Aquiles Estaço:

Manuel da Costa, com o epitalâmio *Emmanuelis Costae (...) de nuptijs Eduardi Infantis Portugalliae, atque Isabellae, Illustrissimi Theodosij Brigantiae Ducis germanae, Carmen Heroicum*. Coimbra, excude-

<sup>34</sup> Conhecem-se exemplares na BM de Viseu, BN de Lisboa, AN Torre do Tombo, B. da Ajuda, BPM do Porto e BGU de Coimbra.

<sup>35</sup> Do tratado de lógica, só entre 1474 e 1639, saíram a lume c. 260 edições e do livro de medicina conhecem-se 81 edições impressas. Vd. Pedro Hispano, *Thesaurus pauperum atribuído a Pedro Hispano*, texto latino com introd. e notas por Luís de Pina e M. H. da Rocha Pereira, Porto, 1955.

bant Ioan. Aluarus & Ioan. Barrerius, 1552 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. G. II. 149 (5)).

Damião de Góis (1502-74), com os *Damiani a Goes equitis Lusitani aliquot opuscula. Fides, Religio, moresque Aethiopum. Epistolae aliquot [...] Deploratio Lappianae gentis [...]*, Lovaina, ex officina Rutgeri Rescij, 1544 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. G. II. 133).

António de Gouveia (1510?-1566), com o comentário *Antonii Gouueani in M. Tullii Ciceronis orationem in Vatinius testem commentarius, ad Aemylium Ferretum iurisconsultorum facile principem*, Parisiis, apud Ioannem Lodoicum Tiletanum, 1542 (Bibl. Vallicelliana — S. Borr. Q. V. 183 (6)).

Diogo Pires, com o seu *Didaci Pyrrhi Lusitani Carminum liber unus*, Ferrara, apud Franciscum Rubrium, 1545 (Bibl. Vallicelliana — S. Borr. Q. V. 191 (39)).

André de Resende (1500?-1573), com as *Epistolae tres carmine [...]*, (Lisboa, in officina Ioannis Blauij Coloniensis, 1561), título actualmente inexistente na Vallicelliana, e o poema *Vincentius leuita et martyr*, Lisboa, apud Lodouicum Rhotorigium, 1545 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. F. II. 319 (4))<sup>36</sup>.

De Diogo de Teive (c. 1514 — depois de 1565), há três livros, o *Commentarius de rebus in India apud Dium gestis*, Coimbra, excudebant Ioannes Barrerius et Ioannes Aluarus, 1548 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. G. II. 149 (1)), a *Oratio in laudem Nuptiarum Ioannis, ac Ioannae illustrissimorum Principum, Rectoris conciliique iussu Conimbricae habita, atque aedita [...] Iacobo Teuio Lusitano authore*, Coimbra, João de Barreira e João Álvares?, 1553 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. G. II. 149 (2)), e uns *Op. Lusit. Lat.* que pensamos tratar-se dos *Iacobi Teuij Bracarensis Opuscula Aliquot in laudem Ioannis Tertij Lusitaniae Regis, et principis eius filij, et fratris Ludouici, Atque item Sebastiani primi Regis eiusdem nepotis. Quorum sequens pagella catalogum continet*, Salamanca, excudebant haeredes Ioannis a Iunta Floren., 1558 (obra não identificada no catálogo moderno da Vallicelliana).

Exemplares da gramaticografia e da lexicografia portuguesas estão também presentes. Além do já descrito dicionário de Cardoso, encontramos a gramática de Francisco Martins, *Francisci Martini Lusitani Latinae linguae Salmanticae professoris, Grammaticae artis integra institutio, eiusdem de Grammatica professione Declamatio [...]*, Salamanca, excude-

<sup>36</sup> Obra modernamente reeditada em fac-símile e enriquecida com um estudo introdutório de J. V. de Pina Martins (Braga, Barbosa & Xavier, 1981).

bat Gaspar a Portonarii, 1575 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. Q. III. 191)<sup>37</sup> e os *Exempla* de André Rodrigues Eborensis, coleção de apotegmas de índole mais para-lexicográfica que, no entanto, referimos aqui pelas técnicas de dicionarização que utiliza. Na Biblioteca Vallicelliana há um exemplar que pertenceu a Pierre Morin: *Sententiae, et exempla ex probatissimis quibusque scriptoribus collecta, et per locos communes digesta per Andream Eborensem Lusitanum [...] secunda editio*, Paris, apud Gulielmum Iulianum, 1575 (S. Borr. F. I. 158-159)<sup>38</sup>.

No que toca à ciência jurídica nota-se a falta de qualquer representante da escola humanista, encontramos apenas uns *tract. de fict. et al.* de Bartolomeu Filipe, que devem corresponder aos dois opúsculos da Biblioteca Vallicelliana intitulados *Eruditum et ingeniosum de fictionibus opusculum Bartholomeo Philippo authore*, Salamanca?, 1536? (S. Borr. D. I. 110 (1)) e *Repetitio in Canone Scindite corda uestra de penitent. distinct. prima. Bartholomeo Philippo Authore*, Lisboa, apud Logdouiicum Rotorigium, 1539 (S. Borr. D. I. 110 (2)).

Autores que por altura do concílio tridentino estiveram em Itália ou cujas obras se inserem já no espírito contra-reformista estão bem documentados:

Gaspar Barreiros, com *Chorographia de alguns lugares [...]*, Coimbra, João Álvares, 1561 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. Q. IV. 123 (1),

<sup>37</sup> A gramática saíra já, em Salamanca, em 1567 e a *De grammatica professione declamatio* seria de novo publicada, também na cidade do Tormes, por Afonso de Terra Nova em 1579.

<sup>38</sup> As *Sententiae et Exempla* alcançaram extraordinária difusão em toda a Europa. A edição príncipe saiu dos prelos de Germão Galharde, em Lisboa (não se confirma a hipótese, de Coimbra, avançada por A. J. da Costa Pimpão), em 1554, sob o título *Primera parte de las sentencias que hasta nuestros tiempos, para edificacion de buenos costumbres, estan por diuersos Autores escriptas, eneste tratado summariamente referidas, en su propio estilo. Y traduzidas enel nuestro comun. Conueniente licion, a toda suerte y estado de gentes*. M.D.LIII. Foram as *Sentenças* reimpressas em Coimbra em 1555 e 1569 e no estrangeiro em Lyon (1557, edição em que surge pela primeira vez o nome do autor), Paris, Veneza e Colónia. Sabe-se que Ronsard possuía um exemplar da edição parisina de 1569, apud G. Iulianum (vd. Paul Laumonier, «Sur la bibliothèque de Ronsard», *Revue du Seizième Siècle*, 14 (1927), p. 326). O registo do inventário talvez se reporte a uma das edições venezianas (Veneza, apud Hermanum Millium, 1572, 1579) ou à parisina de 1575, veja-se a introdução de Luís de Matos a *André Rodrigues de Évora, Sentenças para a Ensinança e doutrina do príncipe D. Sebastião*, fac-símile do manuscrito inédito da Casa Cadaval, 1983 e o estudo, ignorado por Luís de Matos, de A. J. da Costa Pimpão, «André Eborensis e o seu livro de sentenças e exemplos», *Escritos Diversos*, Coimbra, por ordem da Universidade, 1972, pp. 385-401.

espécie enriquecida com anotações autógrafas de Aquiles Estaço e que, por isso, indiscutivelmente, corresponde à indicação do inventário), e *Censuras de Gaspar Barreiros sobre quatro livros intitulados em M. Portio Catam de Originibus, em Beroso Chaldero, em Manethon Aegyptio, & em Q. Fabio Pictor Romano*, Coimbra, per Joam Alvares, 1561 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. Q. IV. 123 (2))<sup>39</sup>.

Pedro da Fonseca (1528-1599), com os *Institutionum Dialecticarum libri VIII*, Lisboa, apud haeredes Ioannis Blauui, 1564 (Coimbra, João de Barreira, 1574 e 1575). A Vallicelliana possui um exemplar da edição de Veneza, apud Christophorum Zanettum, de 1575, que foi de de Pierre Morin (S. Borr. H. V. 30).

Francisco Foreiro (1522?-1581), com o *Sermo quem habuit ad Patres Dominica prima Aduentus Anno MDLXIII*, Bréscia, ad instantiam Ioannis Baptistae Bozolae, 1564 (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. A. I. 100 (4)), opúsculo incluído numa miscelânea cuja primeira peça traz notas autógrafas de Aquiles Estaço) e o *Tractatus pro Immaculata Conceptione. Oratio habita ad PP. Tridenti congregatos Dominica prima Aduentus anni 1562*, Bréscia, 1563.

De D. Jerónimo Osório, com grande surpresa nossa, quer pelos conhecidos laços de amizade que o ligavam a Aquiles Estaço, quer pela enorme repercussão que alcançaram na Europa os seus tratados, refere-se apenas a existência de *Paraphras. in Psal.*, in-4º, que talvez corresponda à *Ad Henricum Regis Emanuelis filium S. R. E. Tituli Sanctorum Quatuor Coronatorum Cardinalem Hieronymi Osorii Silvensis Episcopi in Paraphrasin in Isaiam primi libri* (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. B. II. 34 (1))<sup>40</sup>.

Frei Heitor Pinto († 1584), com os *In Isaiam prophetam commentaria* (Lyon, Theobaldus Paganus, 1567) e uma das várias traduções castelhanas da *Imagem da Vida Cristã*<sup>41</sup>.

<sup>39</sup> Teve edição latina sob o título *Censura in quendam auctorem, qui sub falsa inscriptione Berosi Chaldaei circumfertur. Gaspare Varrerio auctore*, Roma, s.e., 1565.

<sup>40</sup> Como observámos anteriormente, Aquiles Estaço possuía, por certo, outros livros, além dos registados no inventário. Ora, no caso de Jerónimo Osório, temos provas de que assim era; com efeito, guarda-se hoje na Biblioteca Mazarine, em Paris, uma outra obra do bispo de Silves que apresenta o ex-libris *Lib. Achillis Statii Lusitani*, trata-se dos *Amplissimi atque doctissimi uiri D. Hieronymi Osorii episcopi Syluensis In gualterum haddonum magistrum bibellorum supplicum apud clarissimam principem Helisabetham Angliae [...] reginam libri tres*, Lisboa, Francisco Correia, 1567 (Bibl. Mazarine, 12867), vd. M. A. Proença Simões, «A tipografia portuguesa de Quinhentos em duas bibliotecas francesas», *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, II série, 1 (1985), pp. 121-135.

<sup>41</sup> A *Imagem da Vida Cristã* foi, na Europa do séc. XVI, um verdadeiro *best-seller*; com efeito, graças ao cuidado e labor do bibliógrafo Francisco Leite de

D. Frei João Soares, com o *Libro de la verdad de la fe: sin el qual no deve estar ningun christiano*, 1546, no cólofon: Impresso por autoridad de la sancta inquisicion: por especial mandado del dicho senior. En la noble villa y florentissima universidad de Alcala de Henares. En casa de Juan de Brocar, a XX de Junio, del anno de M.D.XLV annos (Bibl. Vallicelliana, S. Borr. C. III. 45) <sup>42</sup>.

Em suma, das 37 obras de autores portugueses referidas no índice da livraria estaciana só 23 correspondem a títulos actualmente existentes na Biblioteca Vallicelliana, e, destes, apenas dois apresentam provas indiscutíveis de terem pertencido a Aquiles Estaço, a saber, a *Chorographia* de Gaspar Barreiros e a *Cosmographia* de Paulo Orósio. Para os restantes casos a identificação é incerta, faltam os elementos de comprovação <sup>43</sup>.

Se, com alguma justiça, se pode estranhar a ausência de autores como Aires Barbosa, Manuel Álvares, João de Barros, Jorge Coelho <sup>44</sup>,

---

Faria, conhecem-se hoje, pelo menos, quarenta e seis edições quinhentistas, das quais treze estão em português, vinte e duas em espanhol, seis em francês, três em latim e duas em italiano; e mais encarece o sucesso alcançado pelo frade jerónimo a circunstância de «(...) não haver outro livro escrito em português, que tenha tido no séc. XVI muitas edições». Até ao ano da morte de Aquiles Estaço a *Imagem da vida cristã* teve, em castelhano, doze edições da 1.<sup>a</sup> Parte e quatro da 2.<sup>a</sup> Parte. Vd. Francisco Leite de Faria, «O maior êxito editorial no século XVI em Portugal: a *Imagem da Vida Cristã* por Frei Heitor Pinto», *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, II série, 2 (1987), pp. 83-110. Acrescente-se, a propósito, que conhecemos um exemplar da *Imagem* não assinalado neste copioso rol. Com efeito, na Biblioteca Vallicelliana (S. Borr. I. III. 201) guarda-se a *Imagem de la vida christiana, ordenada por Dialogos, como membro de su Composicion (...) Compuestos en Lengua Portuguesa, por el muy reverendo y docto padre fray Hector Pinto, de la orden del glorioso S. Hieronymo, Traduzidos en nuestro uulgar Castellano*, Medina del Campo, en casa de Francisco del Cãto, 1579, exemplar proveniente da livraria do oratoriano Pierre Morin. Vd. também a introdução com que J. V. de Pina Martins enriqueceu a mais recente edição da *Imagem da Vida Cristã* (Porto, Lello & Irmão Editores, 1984).

<sup>42</sup> Saíra já em Lisboa, dos prelos de Luís Rodrigues, em 1543.

<sup>43</sup> Neste ponto muito ficamos a dever à diligência dos bibliotecários da Vallicelliana e em especial à gentileza da Senhora Directora da Biblioteca, Dottoressa Barbara Tellini Santoni.

<sup>44</sup> Do secretário do cardeal D. Henrique encontramos dois *folia*, desgarrados, a servir de guarda ao códice vallicelliano E. 60-2, edição de Virgílio com grande cópia de anotações manuscritas de Aquiles Estaço (*P. VIRGILII MA-| RONIS BVCOLICA, GEORGICA,| ET AENEIS.* [manuscrito: CVM NOT. ACHILLIS/ STATII/ LVSITANI/] LVTETIAE/ Apud Vascosanum, uia Iacobeae ad insigne Fontis/ M.D.LI./). O primeiro fólio de Jorge Coelho tem o número 34 e começa: *Cappadoces, Cilicesque, Arabesque, Scythaeque*; pertence à *GEORGII COELII LVSITA-|ni in libellum Luciani de Dea Syria à se lati-|nitare donatum ad Henricum*

Tomé Correia ou Cipriano Soares, convém, no entanto, ter em consideração que, das bibliotecas quinhentistas conhecidas, a de Aquiles Estaço, é, mesmo assim, uma das mais ricas em obras portuguesas (a de D. Fernando Martins Mascarenhas saqueada, ou *saved* segundo os ingleses, pelo conde de Essex possuía apenas sete autores nacionais) e, finalmente, devemos reconhecer que grande parte da bibliografia portuguesa humanística teve reduzida audiência nos meios cultos europeus até pelo modesto número de edições quando comparado com exemplos alheios.

Entre os autores italianos a preferência de Aquiles Estaço vai para a época do Renascimento e para os humanistas do *Quattrocento*.

Recenseámos pelo menos quarenta autores deste período. Quase que poderíamos dizer que não falta nenhum dos maiores filólogos, gramáticos, oradores, poetas, historiadores, tratadistas, filósofos, pedagogos e eruditos do humanismo renascentista italiano:

Paolo Veneto (c. 1372-1429), Leonardo Bruni de Arezzo (1370-1444), Lorenzo Valla (1407-1457), Gian Francesco Poggio Bracciolini (1380-1459), Flavio Biondo (1392-1463), Eneas Silvio Piccolomini (Pio II) (1405-1464), Agostino Dati (1420-1478), Francisco Filelfo (1398-1481), Bartolomeo Platina (1421-1481), Cristoforo Landino (1424-1492), Ermolao Barbaro (1453-1493), Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), Angelo Poliziano (1454-1494), Pomponio Leto (1428-1497), Marsilio Ficino (1433-1499), Georgio Valla (c. 1430-1499), Michele Marullo (1453-1500), Giovanni Joviano Pontano (1426-1503), Pietro Crinito (1465-1504), Filippo Beroaldo (1453-1505)<sup>45</sup>, Paolo Cortese (1465-1510), Jacopo Antiquario (1444-1512), Aldo Manuzio (c. 1450-1515), Niccolò Leonicensi (1428-1524), Pietro Pomponazzi (1462-1525).

Do *Cinquecento* contámos apenas à roda de vinte autores, sendo cerca de metade já do tempo da Contra-Reforma. Destacamos:

Jacopo Sannazzaro (1456-1530), Pietro Bembo (1470-1547), Jacopo Sadoleto (1477-1547), Giovanni da Cosenza (Iohannes Caesarius) (1460-1551), Paolo

---

*Infantem| Principem illustrissimum electum| Archiepiscopum Bra-|carensis et Hispa-|niarum Primatem| Praefatio.* O segundo apresenta o número 39 sendo o primeiro verso o seguinte: *Haec ipsa Derceto sub muliebri imagine in ciuitate Hi-*; pertence à tradução latina feita por Jorge Coelho do *De dea Syria* de Luciano, *LVCIANI DE DEA SY-|ria Liber unus. Georgio Coelio Lusi-|tano interprete.* Na Biblioteca Pública e Municipal do Porto há dois exemplares do livro de Jorge Coelho, um deles completo (o que tem a cota K-3-58); *GEOR-|GII COELII LV-|SITANI DE PA-|TIENTIA CHRI-|STIANA LIBER| VNVS.| Item nonnulla alia quae| in fine uidebis.| M.D.XL.|*

<sup>45</sup> De Filippo Beroaldo il Vecchio havia seis obras na livreria estaciana e justificadamente, não só porque se trata de um dos mais notáveis humanistas de Quatrocentos, mas também porque Aquiles Estaço retoma os interesses filológicos do erudito bolonhês que nos seus comentários se ocupava de Cícero, Propércio e Suetónio.

Giovio (1483-1552), Girolamo Fracastoro (1478-1553), Virgilio Polidoro (1470-1555), Gabriele Faerno († 1561), Paolo Manuzio (1512-1574), Carlo Sigonio (c. 1520-1584), S. Carlo Borromeo (1538-1584), Pietro Vettori (1499-1585), Lorenzo Gambara da Brescia (1496-1586).

É evidente uma relativa marginalização da literatura em vernáculo, representada apenas por autores que também escreveram em latim. A título ilustrativo veja-se o caso de Pietro Bembo, com as *Prose della Volgar Lingua* e *Gli Asolani* a par do diálogo latino *De Aethna* e das *Epistolae*, e o de Jacopo Sannazzaro, que figura no inventário com a *Arcadia* e o *De partu Virginis*. Assinale-se, no entanto, a presença dos clássicos da língua toscana, Dante <sup>46</sup> e Petrarca; todavia, já de Boccaccio o elenco da livraria estaciana regista somente as obras latinas, o *De claris mulieribus* e a *Genealogia deorum gentilium*.

\* \* \*

Examinemos agora as várias áreas do conhecimento que constituem a livraria. As mais opulentas são as que dizem respeito aos estudos literários e linguísticos, à teologia, à filosofia; menos abundantes surgem os núcleos atinentes às ciências jurídicas e ao saber experimental.

No conjunto da obra de Aquiles Estação avulta o trabalho filológico concretizado em muitas edições de autores greco-latinos e patrísticos. Nos seus inéditos deparamos com um interesse constante por questões de ortografia latina, de fonética histórica, por problemas etimológicos, da origem e evolução dos nomes próprios tanto gregos como latinos <sup>47</sup>; encontramos comentários a textos retóricos de Cícero, Sidónio Apolinar, Diomedes e Áquila Romano <sup>48</sup>, escólios, em grego, aos gramáticos <sup>49</sup>, várias notas sobre a natureza e características da língua hebraica, com tradução portuguesa de algumas palavras e expressões daquela língua <sup>50</sup>. Assim, facilmente se compreende a grande cópia de espécies relativos a

Filologia	61
Gramaticografia	74
Lexicografia	77
Repertórios	68

<sup>46</sup> Segundo Carmelo Trasselli, de entre os catálogos das livrarias por si estudados, só o da biblioteca de Aquiles Estação apresenta obras de Dante («*Librerie private nella Roma cinquecentesca*», *Roma* 13 (1935), pp. 121-128).

<sup>47</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 102, fol. 36r.

<sup>48</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 102, fol. 107r.

<sup>49</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 102, fol. 148r-163v.

<sup>50</sup> Biblioteca Vallicelliana, C. 56, fol. 114v-120r.

Na área dos trabalhos filológicos agrupámos comentários à *Iliada* e à *Odisseia*, a Calímaco, Aristófanes, Cícero, Horácio, à *Eneida*, a Plínio, Juvenal, Ausónio, etc..

Cícero é de longe o autor privilegiado; há cerca de quarenta títulos, entre edições e comentos. E destes salientam-se os de Ascónio Pediano (autor do séc. I d. C.), Jorge de Trebizonda (1395-1483)<sup>51</sup>, Adrien Turnèbe (1512-1565)<sup>52</sup>, António de Gouveia e Gerardo Vóssio<sup>53</sup>, Paolo Manuzio (1512-1574), Pierre de la Ramée (c. 1515-1572), Joachim Liebhard Camerarius (1500-1574), Marc-Antoine Muret e Carlo Sigonio.

Ainda neste âmbito note-se o registo de dois exemplares dos *Opera* e um das *Elegantiae* de Lorenzo Valla (1407-1457)<sup>54</sup>, cinco obras de Jules-Cesar Scaliger (1484-1558)<sup>55</sup> e quatro *Aristotelis de arte dicendi* de Pietro Vettori<sup>56</sup>.

Na gramaticografia latina encontramos os principais nomes da Antiguidade, Mário Vitorino, Sulpício, Probo, Donato, Prisciano e, dos modernos, Nebrija, Agostino Dati e Linacre, entre outros. As gramáticas gregas igualam em número as latinas, sobressaindo as de Cleonardo, Lascaris, Moschopolus, Teodoro Gaza e Sanctes Pagnino. Para o estudo do hebraico Estação dispunha de uma dúzia de gramáticas,

<sup>51</sup> *In orationes Ciceronis*, Paris, 1520, comentário que figurava também entre os livros do bispo de Faro, D. Fernando Martins Mascarenhas.

<sup>52</sup> Editor e comentador dos seguintes textos ciceronianos: *De Fato*, *De legibus*, *Academicae*, *Orationes tres de lege agraria* e *Pro Rabirio*. Por causa do seu comentário ao *De Fato* envolveu-se em ardorosas polémicas com Pierre de la Ramée.

<sup>53</sup> *Gerardi Vossii Eburonis Borchloonii in Scipionis somnium ex sexto M. T. de Rep. commentarius [...]*, Roma, apud haeredes Antonii Bladii, 1575, Bibl. Valli-celliana — E. I. 27.

<sup>54</sup> *Laurentii Vallae opera nunc primo non mediocribus uigiliis et indicio quorundam eruditiss. uirorum in unum uolumen collecta, et, exemplaribus uariis collatis, emendata*, Basileia, apud Henricum Petrum, 1540, edição príncipe da obra completa de Valla. *De elegantia latinae linguae lib. VI*, Roma, 1471, incunábulo existente na livraria de Santa Cruz de Coimbra, e *Laurentii Vallae Elegantiarum latinae linguae libri sex [...]* eiusdem *De reciprocatione sui, et suis libellus. Ad ueterum denuo codicum fidem ab Ioanne Raenerio emendata omnia*, Veneza, per Melchiorum Sessam, 1510. Medina del Campo, apud Adrianum Ghemartium, 1554.

<sup>55</sup> *Liber de comicis dimensionibus*, Lyon, Seb. Gryphius, 1539, *De Causis linguae Latinae libri tredecim*, Lyon, Seb. Gryphius, 1540, *Poetices libri VII*, Lyon — Genève, A. Vincent e J. Crespín, 1561, *In libros duos qui inscribuntur de plantis, Aristotele autore, libri duo*, Paris, Vascosanus, 1556, *Commentarii et animaduersiones in sex libros de Causis plantarum Theophrasti*, Lyon e Genève, G. Roville e J. Crespín, 1566.

<sup>56</sup> *Aristotelis de arte dicendi, libri III, Variarum lectionum partim e Petri Victorii commentariis, partim aliunde conquisitae*, Paris, 1559.

das quais destacamos as de Clenardo, Münzer, Reuchlin e Sanctes Pagnino.

O núcleo dos instrumentos lexicográficos existentes na livraria ocupava tanto espaço quanto a gramaticografia. É, de facto, impressionante a quantidade de léxicos, elucidários, vocabulários, onomásticos, súmulas, tábuas, concordâncias, tesouros, etimologias, cornucópias e dicionários averbados no inventário.

Aí estão lançados os testemunhos singulares do labor terminológico da Antiguidade, o *Onomasticon* de Júlio Pólux (séc. II), transmitido através do epítome de Aretas de Cesareia (c. 900), com um exemplar da edição aldina *Iulii Pollucis Vocabulorum* (Veneza, Aldo Manuzio, 1502, 1520, 1536) e dois da edição em que o título surge repristinado na forma *Onomasticon* (Basileia, apud Robertum Vuinter, 1541), o léxico glosográfico de Hesíquio de Alexandria (séc. V ou VI) e dois exemplares do *De uerborum significatione* (Milão, 1471) de Pompeio Festo (séc. II).

Os tesouros do saber enciclopédico medieval não podiam faltar: as *Etimologias* de Santo Isidoro (c. 560-636)<sup>57</sup>, a *Suda*, léxico grego do séc. X publicado, primeiramente, por Demétrio Chalcondilas (Milão, 1499) e, depois, por Aldo Manuzio (Veneza, 1514), cinco obras de Rábano Mauro (784-856), a *Historia Scholastica* de Pedro Comestor (1165-1170).

A dicionarística medieval é representada pelo *Catholicon* de João Balbo de Génova († 1298)<sup>58</sup>, pelo dicionário de Papias (*Papiae uocabularium*, Milão, 1476) pelo *Onomasticon* de Dionísio Nestor de Novara (Milão, 1483, Veneza, 1488).

Os grandes modelos da lexicografia moderna estão também, naturalmente, registados no rol da livraria estaciana, com uma clamorosa excepção: não lográmos identificar nenhum Calepino<sup>59</sup>.

Mas surgem-nos o *Dictionarium latinum-hispanum et hispanum-latinum* de Élio António de Nebrija (1444-1522), várias cornucópias de

<sup>57</sup> A primeira edição datada segundo Brunet é a de Augsburgo, 1472.

<sup>58</sup> *Summa grammaticalis ualde notabilis, quae catholicon nominatur*, Mainz, 1460, Augsburgo, 1469, Estrasburgo, 1470, Nuremberga, 1483, 1486, Veneza, 1490, 1495, desta edição havia um exemplar na livraria do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, 1497/8, Lyon, 1503, Veneza, 1506, Lyon, 1520.

<sup>59</sup> Não queremos com isto afirmar que não houvesse, na livraria estaciana, exemplares da obra lexicográfica de Ambrósio Calepino; na verdade, esta teve dezenas e dezenas de edições ao longo do séc. XVI sob várias designações, dicionário, léxico, vocabulário e tesouro, não é de crer que Estação não dispusesse da base dicionarística mais divulgada e usada na época (vd. F. Buisson, *Répertoire des ouvrages pédagogiques du XVIe siècle*, Paris, 1886, reimp. Nieuwkoop, B. de Graaf, 1962, 1968).

Nicolò Perotto<sup>60</sup> e Ravísio Textor<sup>61</sup>, o *Lexicon graecolatinum* de Conrad Gesner<sup>62</sup>, um exemplar do *Dictionarium Puerorum* e três do *Thesaurus linguae latinae* (Paris, 1531-43) de Robert Estienne, o *Thesaurus linguae graecae* de Henri Estienne (1572), os *Epitheta* de Pedro João Nunes de Valência (c. 1522-1602)<sup>63</sup> e ainda concordâncias para autores latinos, vocabulários ciceronianos, e um *Index in Horatium*.

Muitos são os léxicos eclesiásticos e escriturísticos, o *Thesaurus linguae sanctae* de Sanctes Pagnino, um *Ethimologium uocum Sacrae Scripturae* manuscrito, várias concordâncias bíblicas e alguns léxicos teológicos, o *Lexicon ecclesiasticum latinohispanicum* de Diego Ximenes Arias (1490-1578)<sup>64</sup>, o *Mammotrectus* de João Marchesino<sup>65</sup>.

Havia ainda, em quantidade apreciável, dicionários específicos, de Direito (*Lexicon Iuris, Termini Iuris*), Geografia (a *Synonymia geographica* de Abraão Ortélio, publicada em 1578), de Medicina (*Dictionary Medicum*).

Historiografia	118
Poesia	63

A indagação histórica, de base livresca, é certo, mas que, não raro, se procura sustentar com informações fornecidas pela arqueologia e pela epigrafia, constituía também uma das primeiras preocupações de Aquiles Estaço; por exemplo, a discussão sobre as instituições políticas romanas, a ditadura, as magistraturas, a organização administrativa, judiciária e militar, as leis, em textos de Eusébio, Valério Máximo,

<sup>60</sup> *Cornucopiae siue linguae latinae commentarii*, 1489, reeditada ao longo do séc. XVI, com destaque para as edições venezianas de 1501 e 1513.

<sup>61</sup> *Ioannis Rauisii Textoris Niuernensis Cornucopiae, quo continentur Loca diuersis rebus per orbem abundantia, secundum literarum ordinem quam antea reposita*, Veneza, Lucaeantonii, 1537.

<sup>62</sup> *Lexicon graecolatinum post Conradum Gesnerum Philosophum, Arnoldum Arnelium pari eruditione et diligentia uiros et post Adriani Iunii Medici insignis innumerable pene illam accessionem, postremo nunc non mediocriter auctum, per Ioannem Hartongum uirum graecarum literarum peritissimum*, Basileia, ex officina Hieronymi Curionis, 1550.

<sup>63</sup> *Epitheta M. T. Ciceronis collecta A. P. Ioanne Nunnesio Valentino*, Veneza, Aldus, 1570.

<sup>64</sup> *Lexicon ecclesiasticum latinohispanicum, ex sacris Bibliis, Conciliis, Pontificum ac Theologorum Decretis [...]*, Salamanca, 1566.

<sup>65</sup> Obra lexicográfica de interpretação bíblica, que teve várias edições incunabulares e muitas outras no séc. XVI, da qual havia um exemplar na livraria da rainha D. Leonor, mulher de D. João II.

Suetónio, Salústio, Cícero, Lívio, etc.<sup>66</sup>, comentários a Pausânias e a Tácito em que de novo trata a monarquia e a ditadura<sup>67</sup>.

Teologia	165
S. Tomás	25
Escoto	11

Estes números revelam uma revalorização da teologia natural, da teologia dogmática e da teologia moral, com largo destaque para os escolásticos: S. Alberto Magno (9), S. Boaventura (6), Pedro Lombardo, o Mestre das Sentenças (3), Ricardo de S. Vítor (3), S. Antonino (3), Hugo de S. Vítor (3), S. Anselmo (2), Agobardo de Lião (1), Giovanni Capreolo, teólogo que floresceu já em pleno séc. XV († 1444), presente com os *Libri defensionum theologiae diui doctoris Thomae de Aquino in libros Sententiarum* (Veneza, 1483), obra com vasta repercussão na escola tomista e que granjeou ao seu autor o título de *princeps thomistarum*<sup>68</sup>, Silvestre de Ferrara (1474-1528) (1) e Tomás de Vio Cajetano (1468-1534) (3), celebrizado pelo comentário literal da *Summa* de S. Tomás.

Mas a ombrear com esta secção deparamos com um número considerável de livros de teologia polémica, de autores patrísticos como S. João Damasceno (c. 650-754) (8), denodado adversário dos iconoclastas, cuja obra, verdadeira enciclopédia da teologia bizantina, ganhava renovada actualidade, ou S. Inácio de Antioquia († c. 110) (2), que nas suas sete cartas fala, pela primeira vez, de Igreja Católica, expondo uma concepção de Igreja hierárquica em que Roma detém a primazia na caridade, epístolas cuja autenticidade a teologia protestante contestava; de autores modernos como Cajetano (1), Johann Eck (1486-1543) (3), Silvestro Prieriate (1456-1523), um dos primeiros adversários de Lutero (3), Carvajal (2), Pedro de Soto (2), Domingos de Soto (2), Francisco Turriano (4), ou Johann Cochleus (1479-1552) (9), polemista católico conhecido pela truculência dos seus ataques a Lutero e a Heinrich Bullinger<sup>69</sup> em textos significativamente designados *Philippicae* e pela sua *Rhetorica diuina, siue Ars uincendi haereticos Lutheranos ex sacris scripturis* (1531). Em suma, bastará dizer que contámos no catálogo da livraria 17 obras contra Lutero e 2 contra Ecolampádio. Curiosa-

<sup>66</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 102, fol. 40r-81v.

<sup>67</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 102, fol. 95r.

<sup>68</sup> Havia um exemplar da edição de Cremona, 1497, em Santa Cruz de Coimbra.

<sup>69</sup> Heinrich Bullinger (1504-1575), autor da *De prophetarum officio, et quomodo digne administrari oratio*, 1532, Zurique, 1538.

mente deparámos também com umas *Acta inter Cathol. Theol. et Calu. Gal.*, testemunho isolado dos esforços do irenismo e do humanismo cristão que nulo fruto colheram dos colóquios de inspiração erasmiana, promovidos por cardeais reformadores como Bembo e Sadoletto.

Nos manuscritos de Estaço confirma-se este zelo que, com propriedade, podemos qualificar de contra-reformista:

«La fede sola e come la carne cruda, la quale dio non mangia senó e cotta dal fuoco della carità», escreve, citando um trecho de uma homilia de Francisco Foreiro <sup>70</sup>.

Ainda sobre a fé e as obras: «Il christiano che si vanta della fede, et non opera bene e come colui chi si vanta della nobilta domestica, non faccendo cose degne di quelle», posto que a nobreza de um cristão, como observava Boécio, lhe advém da sua filiação divina <sup>71</sup>.

Aos que criticavam a Igreja por possuir demasiadas riquezas (luteranos e reformistas em geral) e que contrapunham à riqueza presente a pobreza da geração apostólica, responde Estaço invocando aquele passo dos *Actos dos Apóstolos* segundo o qual os gentios se convertiam e, acto contínuo, depositavam os seus bens, as suas rendas, aos pés dos Apóstolos <sup>72</sup>.

Lendo Beda, o Venerável, e Santo Agostinho, Estaço reconhece que, primitivamente, os cristãos comungavam sob as duas espécies <sup>73</sup>, mas, ao contrário dos luteranos, tem aguda consciência da evolução dos ritos litúrgicos: «molte usate lascio la chiesa, e piglio di nuovo secondo li tempi e bisogni, contra qualche heresia. come S. Leone commanda che communiche *sub utraque specie*, a segno adunche che prima si comunicava solo *sub una*, a poi repiglio la chiesa la medesima usanza» <sup>74</sup>.

Sobre a confissão auricular: «La figura della cofessione auricolare se uede nel testamento vecchio, che secondo la qualità del peccato, cosi si offeriva o agnello, o altra uittima, o una parte di quella [...] et peò era necessario che il sacerdote sapesse la qualità del peccato» <sup>75</sup>.

Mas a rivalizar com este grupo de obras há na livraria de Estaço de

Sagrada Escritura	61
Saltérios	23
Exegese bíblica	104

<sup>70</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 137v.

<sup>71</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 85v.

<sup>72</sup> Biblioteca Vallicelliana, C. 56, fol. 59r-v.

<sup>73</sup> Biblioteca Vallicelliana, C. 56, fol. 94v.

<sup>74</sup> Biblioteca Vallicelliana, C. 56, fol. 107r.

<sup>75</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 86r.

Com efeito Aquiles Estação conjuga a sua formação teológica, por assim dizer, tradicional, com os princípios, as técnicas e o método filológico do biblismo e evangelismo fabro-erasmiano, pospondo, claro está, as conclusões doutrinárias daí decorrentes. Os ensinamentos aprendidos na sua mocidade junto de André Resende e em Paris e Lovaina (sede do famoso Colégio Trilingue), revelar-se-iam, aliás, extremamente úteis quando, mais tarde, em Roma, Carlos Borromeu requisita à coroa portuguesa a acribia exegética e o saber filológico do nosso humanista.

Convirá notar que boa parte dos textos exegéticos existentes na livraria de Estação pertencem a autores patrísticos como S. João Crisóstomo, S. Gregório Magno, S. Gregório de Nissa, Orígenes, Beda, Casiodoro, Santo Ambrósio e Santo Agostinho <sup>76</sup>.

Ora, todo este saber tinha a seu lado, como vimos, cerca de seis dezenas de edições dos textos bíblicos, das quais cumpre destacar quatro bíblias de Robert Estienne, um exemplar da de Froben e a Bíblia Poliglota ou de Ambers, verdadeiro monumento da Contra-Reforma, conhecida também por Bíblia de Arias Montano <sup>77</sup>. Sublinhe-se ainda a existência das edições hebraicas do *Pentateuco* e dos *Profetas* publicadas por Robert Estienne, de dois exemplares do *Testamentum Nouum* editado em 1541 pelo mesmo impressor e da edição de Alcalá de Henares, patrocinada pelo Cardeal Cisneros, do *Nouum testamentum grece et latine in Academia complutensi nouiter impressum*, 1514, exemplar pro-

<sup>76</sup> Em 1568 Pio V proclamou doutores da Igreja S. Atanásio, S. Basílio, S. Gregório de Nazianzo e S. João Crisóstomo, consagrando assim e oficialmente os renovados paradigmas preconizados pelo concílio. Na livraria de Aquiles Estação os Padres gregos ocupavam largo espaço, S. Gregório Nazianzeno está representado 14 vezes, S. Gregório de Nissa 7, S. Basílio 4, S. João Crisóstomo 21. Também na biblioteca do cardeal Sirleto Crisóstomo era um dos autores gregos mais bem representados, e do Nazianzeno e do Nisseno havia uma dezena de títulos para cada um (vd. Irena Backus — Benoît Gain, *op. cit.*, pp. 914-915).

<sup>77</sup> Pese embora o facto de a *Bíblia Sacra, hebraice, chaldaice, graece et latine*, (8 volumes, Antuérpia, Christophe Plantin, 1571) só em parte se dever a Benito Arias Montano, já que, informa Ben Rekers na sua biografia de Arias Montano, «sólo muy limitadamente puede (...) llamarse obra suya. El proyecto es de Plantino, Masio y Postel. La mayor parte de ella se debe al trabajo de sabios flamencos y parisinos. La colaboración real de Arias Montano se limitó a consultas con sus colaboradores y a la redacción de los tratados del último volumen.» (cf. Ben Rekers, *Arias Montano*, Madrid, Taurus Ediciones, 1973, p. 73, vd. todo o cap. III; título original: *Benito Arias Montano*, London, The Warburg Institute, 1972). Refira-se, no entanto, que a oportunidade e o valor científico desta obra foram contestados pelos jesuítas Salmeron e Toletto e até pelo cardeal Sirleto que colaborara na composição do *Apparatus* (vd. Irena Backus — Benoît Gain, *op. cit.*, pp. 892-893).

fusamente anotado hoje incluído entre os manuscritos de Aquiles Estaço que se conservam na Biblioteca Vallicelliana <sup>78</sup>.

Outro testemunho da seriedade e rigor intelectual com que Aquiles Estaço se abalanchava às tarefas que a si mesmo impunha é-nos dado pelo número de saltérios, de glosas e paráfrases dos salmos registados no inventário; entre as edições arroladas avultam as de:

Juan de Torquemada (1388-1468) <sup>79</sup>,

Lefèvre d'Étaples (c. 1460-1536), o *Quincuplex Psalterium* (Paris, Henri Estienne, 1509, 1513) <sup>80</sup>,

dois saltérios hebraicos, um grego e um latino, todos editados por Robert Estienne,

o *Psalterium octaplum*.

Com efeito, sabemos, pelo prefácio da sua edição comentada de Catulo, que Estaço se propôs verter para latim a poesia dos livros sagrados, partilhando desse modo a predilecção de que o saltério gozou no século de Quinhentos tanto entre católicos como protestantes. Seguiu Estaço, afinal, o exemplo de mestres como Nanninck e amigos como Jean Dorat e Guglielmo Sirleto <sup>81</sup>. Resultado, porventura provisório, do seu propósito foram as paráfrases aos 150 salmos que se podem ler no códice B. 106 da Biblioteca Vallicelliana.

\* \* \*

A este grupo de livros, meio divino da vida ascética e mística, acrescenta-se um conjunto notável de obras de

Espiritualidade	120
Liturgia	60

Percorrendo o elenco de autores e títulos reunidos neste núcleo da livraria estaciana verificamos que predominam, por um lado, os

<sup>78</sup> Biblioteca Vallicelliana, MS A. I. 2.

<sup>79</sup> *Incipit brevis expositio et a magnis misteriis non uacas in Psalterium Reuerendissimi in Christo domini. D. Joānis ysperi cōgnominato d turrecremata: Cardinalis tituli sancti Sixti ex uberrimo praedicatorum ordinis fonte assumpti*, Veneza, per Lazarum de Soardis, 1502.

<sup>80</sup> *Secunda Emissio Quincuplex Psalterium*, reed. modernamente em fac-símile, Genève, Droz, 1979.

<sup>81</sup> Sobre o corifeu da *Pléiade* vd. Geneviève Demerson, *Dorat en son temps. Culture classique et présence au monde*, Clermont-Ferrand, 1983. O cardeal bibliotecário da Vaticana contribuiu com as *Annotationes uariarum lectionum in Psalmos* para o *apparatus* da Poliglota de Anvers (cf. n. 73).

textos de disciplina eclesiástica (regras de S. Francisco, S. Bento, S. Romualdo)<sup>82</sup> e, por outro, a literatura devocional, ascética e mística dos Padres da Igreja e dos medievais, com largo campo para a hagiografia (B. Ângela de Foligno, Santa Catarina de Sena, Santa Catarina de Bolonha, Santa Catarina de Génova, Santa Gertrudes a Grande (1256-1301/2), a maior mística do seu século de uma espiritualidade cristocêntrica)<sup>83</sup> e para a literatura dos *exercitia*, isto é, os manuais da religião pessoal, cristocêntrica, da purificação das paixões na linha agostiniana da *devotio moderna*, de Tomás de Kempis (1379-1471) e Savonarola<sup>84</sup>.

<sup>82</sup> Este género de livro devoto tinha uma tradição de sucesso editorial que vinha desde o *Quattrocento*. «La fortuna di un genere come la regola spirituale e la letteratura *ad status* stanno ad indicare la volontà di presentare la devozione come un modo del vivere quotidiano in cui gli impegni domestici sono affiancate da una vera e propria precettistica comportamentale» vd. Gabriella Zarri, «Note su diffusione e circolazione di testi devoti (1520-1550)», *Libri, idee e sentimenti religiosi nel Cinquecento italiano*, Ferrara, Edizioni Panini, 1987, pp. 131-154.

<sup>83</sup> O inventário da livraria estaciana atesta a linha de continuidade registada na literatura hagiográfica entre o séc. XV e o séc. XVI: prevalece o modelo feminino entre as figuras propostas à imitação do povo cristão. Sobre a vida e os escritos destes vultos maiores da mística medieval vd. T. Blasucci — B. Calati — R. Grégoire, *La spiritualità del medioevo*, Roma, Edizioni Borla, 1988, pp. 371-429: «Il Misticismo femminile nel Medioevo» e ainda José Adriano de Carvalho, *Gertrudes de Helfta e Espanha*, Porto, INIC, 1981.

<sup>84</sup> Observe-se que há uma linha de continuidade entre, por exemplo, a obra de uma S. Gertrudes e os traços mais impressionantes da espiritualidade da *devotio moderna*. Por outro lado, a tradução de obras ascéticas e místicas contribuiu para difundir no séc. XVI doutrinas espirituais até então reservadas a elites que detinham o exclusivo do seu trânsito graças aos colóquios e à direcção espiritual. «Grazie ai volgarizzamenti anche gli illetterati apprendono la terminologia mistica di maestri spirituali come Giovanni Gerson, Enrico Susone, Enrico Herp e Alberto Magno (...) il pensiero di questi autori rimane però presumibilmente circoscritto a cerchie ristrette di fedeli (...) mentre la diffusione della *devotio moderna* è affidata alle numerosissime edizioni dell'*Imitazione di Cristo* che se susseguono a ritmo costante per tutta la prima metà del secolo XVI. Tra i volgarizzamenti larghissima fortuna continuano a registrare le *Meditationes vitae Christi* dello Pseudo-Bonaventura, che negli anni 1520-1550 raggiungono le 11 edizioni». Ora nunca será demais salientar que todos estes mestres espirituais figuravam na biblioteca de Aquiles Estaço. A *devotio* quatrocentista, que se caracterizava por um «cristocentrismo prático», por estabelecer regras de conduta e imprimir um carácter quase doméstico à vida devota, procurando consagrar o exercício da contemplação como pausa obrigatória no trabalho do dia a dia, persiste na vida quotidiana e social quinhentista. Os escritores mais lidos na primeira metade de Quinhentos continuam a ser Savonarola e Pietro da Lucca, autores bem representados no inventário da livraria estaciana (vd. A. Blasucci — B. Calati — R. Grégoire, *op. cit.*, pp. 193-198; 447-462 e Gabriella Zarri, *op. cit.*, p. 134).

De Johann Mombaer (em latim *Mauburbus*, 1460-1501) regista-se o *Rosetum exercitiorum spiritualium et sacrarum meditationum*, espécie de suma das doutrinas e práticas da *devotio moderna* que incluía a *Scala Perfectionis* de W. Ganfort († 1498), outro autor desta corrente espiritual. Da *Imitação de Cristo*, há dois exemplares, um deles atribuído, como era corrente na época, a Jean Gerson (1363-1429)<sup>85</sup>. De Savonarola identificámos oito textos como que a comprovar a filiação filipina do nosso humanista; na verdade, também S. Filipe de Neri, informa Rita Delcroix<sup>86</sup>, guardava na sua livraria várias obras de Savonarola, recordação ainda apaixonada da Florença republicana de seus pais.

Ecos dessa religião interior, que apresenta traços da *Philosophia Christi* erasmiana<sup>87</sup>, topámo-los amiúde nos manuscritos de Estaço:

em meditações sobre o lema *nouerim me, nouerim te, nosce te ipsum*<sup>88</sup>;

em notas sobre a oração vocal tiradas de S. Basílio, Guilherme de Paris e Savonarola, contra a devoção supersticiosa, contra os cristãos que adoram os pés do Senhor, mas não O querem seguir;

ainda sobre a oração vocal: «la nostra oratione e oratione di papagallo, il papagallo parla senza affetto, et senza op<sup>a</sup>, et noi cosi»<sup>89</sup>;

em reflexões de pendor irénico e ecuménico como: «il giudio, et il Turco, et ogni infidele e nostro prossimo e fratello di padre tantum, perche christiani siam fratelli di padre e madre» asserto explicitado por outra mão: «cio e dio, et chiesa»<sup>90</sup>;

<sup>85</sup> A questão da paternidade deste famosíssimo manual está ainda longe de se considerar resolvida. A atribuição a Tomás de Kempis tem sido contestada pelo simples facto de existirem códices da *Imitação* anteriores ao próprio Kempis. P. Bonardi — T. Lupo (*L'imitazione di Cristo e il suo autore*, Torino, 1964), E. Valentini («Giovanni Gersen autore dell'Imitazione», *Benedictina* 19 (1972), pp. 319-404), A. Blasucci (*op. cit.*, Roma, 1988, pp. 456-462) defendem a autoria de Giovanni Gersen, monge beneditino, abade de Vercelli, falecido em 1245, personagem pouco conhecida cuja historicidade é, entretanto, negada por R. Grégoire e A. Ampé (vd. A. Blasucci — B. Calati — R. Grégoire, *op. cit.*, pp. 456-458).

<sup>86</sup> *Filippo Neri il santo dell'allegria*, Roma, Newton Compton Editori, 1991.

<sup>87</sup> O inventário da livraria estaciana regista uma *Instructio Militis Christiani* em espanhol, que bem poderia ser uma das várias edições em castelhano (a de Lisboa de 1541?) do *Enchiridion*, traduzido pela primeira vez, em 1524, por Alonso Fernández de Madrid, vd. Marcel Bataillon, *Erasmus y Espana*, México — Buenos Aires, Fondo de Cultura Economica, 1966, pp. 190-191 e Dámaso Alonso, «Las ediciones del «Enquiridion» castellano», *Erasmus. El Enquiridion o manual del caballero cristiano*, Madrid, CSIC, 1971, pp. 507-523.

<sup>88</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 166 v.

<sup>89</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 151r.

<sup>90</sup> Biblioteca Vallicelliana, C. 56, fol. 81r.

e, mais adiante, ao tratar do Decálogo, chegando ao mandamento *non furtum facias* Estaço traz à colação o roubo cometido pelos Israelitas quando saíram do Egipto e justifica-o com Santo Agostinho e S. Jerónimo; mas pior que ladrão é o usurário e cita Catão (o dos *Disticha moralia*), S. Leão Magno e S. João Crisóstomo, *mercator homo placere deo uix posset*, e conclui: trata-se de um pecado em que muitos hoje incorrem e nestes «sono compresi anche prelati»<sup>91</sup>;

em uma fala ouvida a certo pregador sobre a falta de autenticidade de muitas das conversões pós-tridentinas: «los que agora en Roma fingen vida nueva, y se fingen santos, porque veen que de otra manera no pueden gozar los bienes d'eglesia, como agora los cardenales de Roma, hazen como los gabaonitas que per salvar las uidas mentieron a Josue, mostrandoles sus vestidos andrajosos, el pan mohoso, dihiendole que esta era señal que eran venidos de muy lexos. y no era asi.»<sup>92</sup>;

de uma homilia de um padre bretão ouvida na igreja de S. Luís dos Franceses: «desia de los que ueniã a Roma por beneficios, que no veniã como S. Pedro, el qual uenia a padeçer.» (B. 112, fol. 156v) e, mais adiante, numa tirada que bem podia ter saído da pena de Erasmo, «Roma innanzi alla fede altro non era che una grotta d'idoli»<sup>93</sup>.

É evidente que não é necessário supor a leitura de Erasmo para compreender estas críticas aceradas ao formalismo religioso, ao farisaísmo social; elas inserem-se agora no quadro da reforma católica, dentro dos limites bem definidos da ortodoxia, como se pode ver no programa de vida cristã tipicamente tridentino traçado por Estaço num dos seus manuscritos: «si come il corpo la fa male senza exercitio, cosi l'anima, e l'exercitio dell'anima la cõfessione, et buone opere, et l'oratione»<sup>94</sup>, e logo a seguir vêm reflexões sobre o baptismo de crianças, a confissão, o purgatório, a questão da fé e das obras.

Apesar do que fica dito, não deixa, no entanto, de ser curioso verificar como muitas das proposições erasmistas pervivem nos esforços de purificação do fervor religioso, nas tentativas de recentramento dos valores espirituais e culturais, basta pensar, por exemplo, no aproveitamento não declarado que as retóricas tridentinas farão do anticiceronianismo erasmiano. Aquiles Estaço tinha ao seu dispor um arsenal idêntico ao de Erasmo e, de facto, é com as mesmas armas e no

<sup>91</sup> Biblioteca Vallicelliana, C. 56, fol. 93r.

<sup>92</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 148v.

<sup>93</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 168r.

<sup>94</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 13r.

mesmo campo que o procura vencer. Vejam-se, como amostra, algumas nótulas incluídas nos seus papéis:

«Damaso Vescovo Portuense a chi scrive S. Girolamo, non è il papa Damaso anchora che fuerono in un medesimo tempo e S. Girolamo scrive a tutti doi e questo e un del'errori di Erasmo»<sup>95</sup>,

«Emenda maliss<sup>o</sup> Erasmo nel testamento nuouo nell'euang. di S. Marco, mutando *unguenti nardi spicati* in *nardi pisticae* come sta in S. Giovanni»<sup>96</sup>. Todavia, e ironicamente, é a lição de Erasmo que é adoptada em Marcos (14,1) por Isidoro Clario Brixiano, na sua *Biblia sacrosancta*<sup>97</sup>, edição que fora submetida à aprovação dos padres conciliares (*Deputatorum Concilii Tridentini seruata censura*).

Com tanto relevo quanto o da teologia surge na livraria de Aquiles Estaço o núcleo de

Filosofia	219
Aristóteles	55
Platão	5
Neoplatónicos	30

Como se vê o filósofo mais representado é Aristóteles, isto sem contar com os numerosos livros dos seus comentaristas<sup>98</sup>. Das edições do Estagirita destacamos:

duas de Lefèvre d'Étaples, *Decem libri ethicorum Aristotelis ad Nicomachum, ex translatione Ioannis Argyropyli Bizãtii: communi, familiarique; Iacobi Fabri Stapulensis commentario elucidati, et singulorum capitum argumentis praenotati*, Paris, apud Simonem Colinaeum, 1530<sup>99</sup>, uma de Denys Lambin (1520-1572), *Ética a Nicómaco* (Veneza, 1558).

<sup>95</sup> Biblioteca Vallicelliana, C. 56, fol. 84r.

<sup>96</sup> Biblioteca Vallicelliana, C 56, fol. 94v.

<sup>97</sup> Isidoro Clario Brixiano, *Biblia sacrosancta ueteris ac noui testamenti. Adiectis ex eruditiss scriptoribus scholiis, ita, ubi opus est, locupletibus, ut pro commentariis sint: multis certe locorum millibus praesertim difficilioribus, lucem afferunt. Deputatorum Concilii Tridentini seruata censura*, Veneza, apud Iunctas, 1564.

<sup>98</sup> Também, na biblioteca de Marc-Antoine Muret, Aristóteles detinha a primazia: «parmi les Grecs, Aristote domine: on trouuera dans ce catalogue treize éditions ou commentaires de ses oeuvres» vd. Pierre de Nolhac, «La bibliothèque d'un humaniste au XVIe siècle. Catalogue des livres annotés par Muret», *Mélanges d'archéologie et Histoire*, Roma, École Française de Rome, 3 (1883), pp. 202-238.

<sup>99</sup> «Edição da obra mais platónica de Aristóteles — o texto aristotélico mais lido no Renascimento — com os comentários de um dos mais célebres discípulos do humanismo florentino: Lefèvre D'Étaples», escreve J. V. de Pina Martins, *Sá de Miranda e a Cultura do Renascimento. I. Bibliografia*, Lisboa, 1972, p. 195.

uma aldina, *Logici ac dialectici Aristotelis libri, quod Organon graeci appellant* (Veneza, Aldo Manuzio, 1495) <sup>100</sup>,

e a edição da *Política* curada por Juan Ginés de Sepúlveda (1490?-1573), autor de quem se regista ainda no inventário um *De libero arbitrio* e que, no dizer de Erasmo, era o mais ilustre escritor do seu tempo <sup>101</sup>.

O aristotelismo averroísta, testemunho dos estudos efectuados por Estaço em Pádua, está representado com três obras de Averróis, o *De anima*, os *Commentaria in totam Logicam, Philosophiam Naturalem et Moralem Aristotelis, vols. I-II* <sup>102</sup>, e duas de Avicena, os *Opera* (a edição príncipe é de Pádua, 1476) e a *Metaphysica* <sup>103</sup>.

Dos discípulos de Aristóteles constam Teofrasto (4) e Alexandre de Afrodísia, o mais célebre comentador do Estagirita na Antiguidade, presente com 9 livros, número que faz supor uma fase «alexandrista» na evolução filosófica de Aquiles Estaço, sobretudo se tivermos em consideração três volumes de Pomponazzi e dois de Paolo Veneto registados também no inventário <sup>104</sup>.

Os comentadores e exegetas de Aristóteles ao longo da Idade Média estão bem representados: Alberto Magno (3), Escoto (7), S. Tomás (8), Ockham (1), Bacon (1), Buridano (2), Walter Burleigh (3), João de Jandun (2), Egídio Romano (2). Dos modernos: Cajetano (3), Francisco de Toledo (2), João de Cosenza (2), Pierre de la Ramée (1) e o nosso Pedro da Fonseca.

<sup>100</sup> Texto grego existente também na livraria de Santa Cruz.

<sup>101</sup> Vd. Henri Mechoulan, *L'antihumanisme de J. G. de Sepúlveda*, Paris, Mouton, 1974.

<sup>102</sup> Veneza, per Bernardinum de Tridino, 1489; desta edição havia um exemplar na livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

<sup>103</sup> *Metaphysica, Siue eius prima Philosophia. Castigata per Fr. Franciscum de Macerata, Ord. Minorum, et per Antonium Fracantianum Philosophiae Profess. Patauinum*, Veneza, per Bernardinum Venetum, 1493 (descrição feita a partir do exemplar da livraria de Santa Cruz de Coimbra; Avicena consta também no elenco dos livros d'el-Rei D. Duarte).

<sup>104</sup> Usamos a designação aristotelismo averroísta no sentido de corrente filosófica que se debruça sobre Aristóteles numa perspectiva não teológica e 'alexandrista' na acepção restrita precisada por P. O. Kristeller, «a thinker who accepted Alexander's view that according to Aristotle the soul is mortal», doutrina defendida por Pomponazzi, filósofo que, não obstante, gasta boa parte do seu tratado *De Fato* com a defesa do conceito estoico de destino, refutando Alexandre (vd. P. O. Kristeller, «Paduan Averroism and Alexandrism in the light of recent studies», *Atti del XII Congresso Internazionale di Filosofia*, vol. IX, Firenze, Sansoni, 1960, pp. 147-155).

De Platão encontrámos apenas cinco espécies, das quais três, pelo menos, oferecem o texto grego. Não vislumbrámos qualquer referência à tradução latina de Marsilio Ficino (1433-1499); em boa verdade, um helenista tão competente como Estaço podia prescindir dessa versão, custa-nos, no entanto, admitir que a não possuísse.

Não se pense por isso que o filósofo florentino não merecesse a solícitude do nosso bibliófilo; com efeito tem lugar cativo entre os representantes do neoplatonismo; regista o catálogo dois exemplares dos comentários de Ficino a Plotino e os *Opera*, por certo na edição de Basileia, de 1561<sup>105</sup>.

Outros próceres do neoplatonismo moderno se nos deparam: Nicolau de Cusa (1401-1464) e os seus *Opera*<sup>106</sup>, o Cardeal Bessáron (1402-1472) com os *In calumniatorem Platonis libri quattuor* (Veneza, in aedibus Aldi et Andrae Soceri, 1516), obra capital para o estudo do platonismo no Renascimento<sup>107</sup>, os *Opera* de Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), *Commentationes Ioannis Pici Mirandulae* (1)<sup>108</sup> e Bernardino Telésio (1509-1588), com o *De rerum natura*, obra que pelo seu empirismo, a custo conciliável com a fé, viria a ser colocada no *Index* em 1593.

Mas o neoplatonismo antigo apresenta também os seus autores mais qualificados: além de Plotino, na versão de Ficino já descrita, encontramos Jámblico (c. 250-c. 325 a.C.) (2), Porfírio (232/33-305), editor e discípulo predilecto de Plotino (4), Sinésio de Cirene (c. 370/75-c. 413), filósofo cristão (2), Eneias de Gaza (450-534), retórico e filósofo cristão, Hiérocles de Alexandria (séc. V) e o seu comentário aos *Versos Áureos* de Pitágoras (2), Proclo (412-485) (6), Simplicio (séc. VI) (8) e, finalmente, «o último romano e o primeiro escolástico» a quem a transmissão da cultura clássica tanto deve, Boécio (c. 480-524), filósofo eclético de perspectiva neoplatónica e agostiniana e presença constante nas

<sup>105</sup> *Marsilii Ficini Florentini, insignis Philosophi Platonici, Medici ac Theologi clarissimi, Opera*, vols. I-II, Basileia, ex officina Henric-Petrina, 1561.

<sup>106</sup> *Haec accurata recognitio trium uoluminum operum clariss. P. Nicolai Cusae Card.*, Paris, ex officina Ascensiana, 1514.

<sup>107</sup> *Quae hoc in uolumine tractantur. Bessarionis Cardinalis Niceni, et Patriarchae Constantinopolitani in calumniatorem Platonis libri quattuor, opus uarium, ac doctiss. in quo praeclarissima quaeque, et digna lectu, quae a Platone scripta sunt ad homines tam moribus, quam disciplinis instruendos, breuiter, clareque, et placido stylo narrantur*, Veneza, in aedibus Aldi et Andrae Soceri, 1516; cf. J. V. de Pina Martins, *op. cit.*, p. 187.

<sup>108</sup> Bolonha, 1496, Veneza, 1498, 1504, Paris, Jean Petit, 1505, Reggio, 1506, Veneza, 1519, Veneza, Girolamo Scoto, 1557, Basileia, 1557, 1572.

livrarias portuguesas medievais e renascentistas, com quatro espécies, três exemplares dos *Opera*<sup>109</sup> e um da tradução e comentário da *Isagoge* de Porfírio.

A Boécio costuma andar associado Cassiodoro (c. 490-c. 570), pois bem, do «último filólogo da Antiguidade Clássica» regista-se a presença das *Institutiones diuinarum et humanarum litterarum*, programa dos estudos sagrados e das artes liberais, inspirado no *De doctrina christiana* de Santo Agostinho, que os homens da reforma católica deviam sentir como muito actual.

Moço de 23 anos, Aquiles Estaço publicou em Lovaina a sua primeira obra<sup>110</sup>. Contém o livro dois poemas, o primeiro de índole religiosa, o segundo heróico, uma prefação aos *Topica* de Cícero, e, por fim, uma *Oratio quodlubetica, cuius thema est, animam omnino immortalem esse, hoc est, nunquam amittere potentias*.

Ora, nesta oração escolar, curiosa pelo esforço de desenvolvimento de um tema tradicional em latim humanístico, encontramos uma disputa que de mero exercício académico se alçará a inquietação permanente ao longo da vida do nosso humanista; na verdade, são inúmeras as notas em que nos papéis inéditos de Aquiles se aborda esta questão<sup>111</sup>. O rol da sua livraria vem confirmar isto mesmo: sobre a temática de *anima* são averbados 12 livros<sup>112</sup>.

\* \* \*

No que toca às ciências jurídicas, os dois direitos encontram-se bem representados, apesar de constituírem um núcleo porventura subsidiária-

<sup>109</sup> *Haec sunt opera Boetii Arithmetica, Geometria, Musica*, Veneza, 1492.

<sup>110</sup> *Achillis Statii Lusitani Syluulae duae quibus adiuncta sunt, Praefatio in Topica Ciceronis, & Oratio quodlubetica eiusdem. Nunc primum in lucem aedita*, Lovaina, excudebat Iacobus Batius, 1547. Conhece-se apenas um exemplar na Biblioteca Real da Bélgica em Bruxelas, V.B.6426.1.

<sup>111</sup> Alguns exemplos: B. 108, fols. 81r-91v e fols. 100v até final; B. 112, fols. 101r-101v. A reflexão sobre a alma e a imortalidade ocupava lugar de relevo na tradição escolástica mas merecera também a atenção dos pensadores humanistas, sobretudo nos círculos florentinos de pendor platonizante; vd. Eugenio Garin, *La cultura filosofica del Rinascimento italiano*, Firenze, Sansoni, 1979, pp. 93-126.

<sup>112</sup> Na biblioteca de D. Rodrigo de Mendoza (1466-1523), *marqués del Cenete*, havia 631 livros, contando-se 115 de Filosofia, com vantagem para Aristóteles e seus comentaristas. Como na biblioteca de Estaço sobressaía o número de livros *De Anima*. Platão e o neoplatonismo estavam mal representados. Entre os medievais destacavam-se Pedro Lombardo e Alberto Magno (11). Dos modernos a preferência ia para as obras de Paolo Veneto. Cf. F. J. Sanchez Canton, *La Biblioteca del Marqués del Cenete*, Madrid, CSIC, 1942.

rio dos anteriormente descritos. De direito civil recenseámos cerca de 43 obras e de cânones à volta de 36.

A jurisprudência romana faz-se representar por Ulpiano († 228), com os *Opera*. De Justiniano (482-565), há quatro exemplares das *Nouellae* e três das *Institutiones*. Destaque-se também uma edição em 4 vols. do *Digesto*, uma *Historia Iuris Ciuilis*, in-8º, um *Lexicon Iuris*, in-folio, uns *Termini Iuris*, in-8º, e um *Methodus Iuris*, in-8º, duas edições em dois tomos das *Pandectas*, o *Decretum Gratiani* «primeiro manual de direito canónico»<sup>113</sup>, o *Rosarium*, comentário ao Decreto do monge camaldulense composto por Guido de Bayso († 1313), o Arcediago. Estranhamente não encontramos qualquer referência a Bártolo, mas de Baldo (1327-1400), há várias entradas, bem assim de Durando (c. 1275-1334).

O humanismo jurídico está presente com André Alciato, Guillaume Budé (1468-1540) e as suas *Annotationes in XXIV Libros Pandectarum* (prios 1508, posteriores 1526), Jean de Coras (1513-1572), François Baudouin, com o *De institutione uniuersae historiae et eius cum iurisprudencia coniunctione προλεγωμένων libri duo*, (Paris, 1561), e, por fim, em quatro títulos do expoente máximo da nova escola, Jacques Cujas, o Cujácio, (1522-1590).

\* \* \*

Mas a livraria de Aquiles Estaço não é uma biblioteca especializada, que privilegie uma outra outra área do conhecimento, nela se pode encontrar bibliografia *de omni re scibili*.

Medicina	33
Matemática	6
Erudição vária	31
(botânica, mineralogia, numismática, etc.)	
Música	10

O interesse de Aquiles Estaço pela música, ou não fosse ele filho espiritual de Filipe de Neri, manifesta-se por vezes nos seus autógrafos, dos quais merecerá saliência o códice vallicelliano B. 102, pelas nota-

<sup>113</sup> Veneza, Baptista de Tortis, 1485, 1496, 1499, 1500, cf. Isaiás da Rosa Pereira, «A livraria da Universidade no início do séc. XVI», separata do *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, 37-48 (1967).

ções críticas aí reunidas sobre compositores e géneros musicais como o motete, madrigais e missas (fols. 166-176).

Geografia	48
Astronomia e Astrologia	17

Estaço comparte o gosto renascentista pela literatura esotérica. Regista-se no inventário o *Poimandres* atribuído a Hermes Trismegisto, título do primeiro livro que designava toda a colecção dos 17 livros herméticos (séc. I d.C.), publicada logo em 1471 por Marsilio Ficino. E, nos papéis de Estaço, há uma ou outra nota que sugere o uso diurno desses textos, por exemplo: «Iddio e tutto piede, come dice Trismegisto, perche ua per tutto, tutto occhio, perche uede il tutto»<sup>114</sup>.

Sobre a livraria de Aquiles Estaço muito fica por dizer, merecerá, sem dúvida, mais pesquisas e outras perspectivas de abordagem; cremos, no entanto, e apesar de limitações várias, ter dado uma ideia bastante aproximada da sua grandiosidade, valor e significado cultural.

Justifiquemos, agora, o título que quisemos dar a este trabalho, *A livraria de Aquiles Estaço, librorum uenator et helluo*.

Este epíteto é atribuído ao nosso humanista por Latino Latini numa epístola a António Agustín<sup>115</sup>. Que Estaço era um devorador de livros pensamos tê-lo, em parte, já comprovado ao referirmos as frequentes anotações autógrafas apostas a muitos dos seus livros e as inúmeras transcrições encontradas entre os seus inéditos; carece de explicação o apodo *uenator*, caçador.

<sup>114</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 184r.

<sup>115</sup> *LATINI LATINII| VITERBIENSIS| Epistolae, Coniecturae, & Obseruationes| Sacra, Profanaque Eruditione Ornatae.| Ex Bibliotheca Cathedralis Ecclesiae Viterbiensis.| A DOMINICO MAGRO MELITENSI| Eiusdem Eccl. Canonico Theologo.| Studio, ac decennali labore selectae.| Prodeunt in lucem publicae studiosorum utilitati.| Liberalitate Eminentissimi, et Reverendissimi D.| D. FRANCISCI MARIAE| CARDINALIS BRANCATII| PHILOGRAMMATI.| TOMVS SECVNDVS.| VITERBII, ex Typographia Brancatia,| apud Petrum Martinellum. M.DC.LXVIII./ SVPERIORVM PERMISSV.* Na p. 121 vem a epístola datada de Roma de 8 de Julho de 1566 e intitulada *LATINIVS ANTONIO AVGVSTINO| EPISCOPO ILERDENSIS*. S., resumida assim pelo editor: *Rerum omnium inopiam deplorat. Fuluij Vrsini, et Achillis Statij lucubrationes indicat*. O passo que nos interessa é o seguinte: *Vidi quoque apud Patrem Octauium Iosephi Scaligieri in M. Varronem de Lingua Latina adnotationum libellum, quas, ut prudenter Octauius existimat, Iulius Caesar pater adornarat, et fortasse non dignas suo nomine iudicarat. Multa sunt etiam, ut opinor, aliorum, quae Fuluij Vrsini, et Achillis Statij manibus feruntur diligentissime, ut sunt nouorum librorum et venatores, et heluones cupidissimi, mihi satis est ex veteribus aliquid discere; in recentiorum paucissimis operam, siue potius laborem pono (...)*.

Nas epístolas manuscritas e impressas, estas quase sempre nuncupa-tórias, Estaço, não raro, troca informações de cariz filológico com os seus correspondentes e muitas vezes essas notícias apoiam-se no teste-munho de velhos códices geralmente ignorados.

Estaço, com efeito, não olhava a despesas quando se tratava de obter cartapácios de cobiçada vetustez ou novidades há pouco saídas dos prelos.

Nos seus papéis encontramos referências:

— a encomendas bibliográficas feitas, através de Scaliger, a um «maistre Charles Perier libraire se tenant à la rue S. Jehan de Beauvais au Bellerophon»<sup>116</sup>;

— a uma nota sobre dois livros que certo padre jesuíta lhe ficara de trazer de Colónia<sup>117</sup>;

— ao custo de alguns volumes, «do S. Thomas a 27 de Março 1568 a conta dos liuros me mandou por Nicolo meu criado seis scudos douro em ouro»<sup>118</sup>. Este Tomás, como veremos, é muito provavelmente o nosso doutor Tomé Correia.

Falávamos há pouco da livraria apostólica e de como os seus riquíssimos acervos bibliográficos, sobretudo a partir de Gregório XIII, passaram a estar à disposição dos eruditos. Estaço, que privava com o guarda-mor da biblioteca, o cardeal Sirleto, Estaço, ainda há pouco secretário das cartas latinas do anterior pontífice, gozaria naturalmente de alguns privilégios.

Nos seus manuscritos temos a prova de que assim era. No códice B. 124 lemos a *Sancti Gregorii Nisseni quaestio et dialogus de anima, cum Sancta Macrina sorore sua. Item quaestiones uariae necessariae et homiliae VIII, de octo beatitudinibus*, cópia extraída *ex libro ueteri Vaticanae Bibliothecae*. Noutro códice vallicelliano, o B. 112, Estaço regista informações sobre textos patrísticos recebidas do cardeal Sirleto (fol. 131v), transcreve homilias de S. João Crisóstomo «di un libro della Vaticana nel banco dove stanno le cose di S. Gio. Chrysostº» (fol. 89r-90r) e, mais adiante (fol. 134v), outro trecho de S. João Crisóstomo tirado de mais um livro da Vaticana, indicando até a estante onde se guardava.

Quando Latino Latini chama a Aquiles caçador de livros, não quer com isso significar menos apreço pelo nosso humanista, pelo contrário,

<sup>116</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 102, no último fôlio.

<sup>117</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 190r.

<sup>118</sup> Biblioteca Vallicelliana, D. 37, no último fôlio.

situa-o na descendência espiritual de Petrarca e dos beneméritos devasadores de livrarias de mosteiros e catedrais do *Quattrocento* <sup>119</sup>.

Na verdade, Aquiles Estação franqueava liberalmente as portas da sua biblioteca como se pode ver lendo os seus autógrafos. Algumas dessas notas merecem a nossa curiosidade:

uma refere o empréstimo de um livro de astrologia ao «dottor Thomaso» <sup>120</sup>;

outra informa, a propósito de um texto de Eulógio em que se considerava serem nocivos os poetas pagãos sobretudo pela sua beleza, que estava «nel mio libro grosso qual' habbi dal' dottor Thomaso» <sup>121</sup>;

ainda sobre o doutor «Thomaso»: que detinha dois tomos de S. Jerónimo sobre os Profetas, um livro «de copias[?] en catalan»; que lhe devia dinheiro, «emprestei ao S. Correa portugues a 25 de Março 1567 dous scudos de moeda os quaes me prometteo de tornar dentro de quinze dias» <sup>122</sup>;

outras dão conta de livros cedidos temporariamente a Lorenzo Gambara, poeta novilatino autor de uma epopeia sobre Cristóvão Colombo: «emprestei o Plínio com comm. a Lorenzo Gambara» <sup>123</sup>, «a ms<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> Gambara il martyrologio» <sup>124</sup>;

outras dizem-nos ter emprestado ao cardeal de Vercelli uma edição aldina de Alexandre; a um Cornélio a *oratio pro lege agraria* com o comento de Pierre de la Ramée e o *De oratore* com o comentário de Estrabão; a certo Marcello um tomo de S. Jerónimo; a Fulvio, decerto Fulvio Orsini (1529-1600), prestigiado humanista que estava ao serviço do cardeal Farnese, um Euclides <sup>125</sup>; a «Ant<sup>o</sup> spagnuolo», que será

<sup>119</sup> Vd. R. Sabbadini, *Le Scoperte dei Codici latini e greci né secoli XIV e XV*, Firenze, Sansoni, 1967 [repr. anastática da ed. de 1905].

<sup>120</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 104, fol. 3r.

<sup>121</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 111r.

<sup>122</sup> Biblioteca Vallicelliana, D. 37, no último fôlio.

<sup>123</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, na capa.

<sup>124</sup> Biblioteca Vallicelliana, D. 37, no último fôlio.

<sup>125</sup> Pierre de Nolhac reproduz um outro testemunho do acesso deste humanista à livraria de Estação citando uma carta de Orsini a Pinelli, datada de 4.12.1574: «del luogo d'Aristotele le scriverò appresso perche voglio vedere un libro riscontrato molto buono, che ha il Statio, di mano dell'Andronico» (*La Bibliothèque de Fulvio Orsini*, Genève, Slatkine Reprints, 1976, p. 452). Vd. também P. Veneziani, «Libri di Fulvio Orsini alla Nazionale di Roma», *Bibliofilia* 86 (1984), pp. 149-158, J. Ruyschaert, «Fulvio Orsini et les élégiaques latins. Notes marginales à une bibliographie du XVIe siècle et à une biographie du XIXe siècle», *Tradizione classica e letteratura umanistica. Per Alessandro Perosa*, Roma, 1985, pp. 675-684; *idem*, «Fulvio Orsini, son père, ses prénoms et les Orsini de Mugnano», *Mélanges de l'école française de Rome: Moyen Age — Temps Modernes* 99 (1987), pp. 213-229.

Antonio Agustín de Saragoça (1517-1586), humanista espanhol que depois de passar muitos anos em Roma veio a terminar os seus dias como bispo de Tarragona, um Zenão; a outros que não identifica, um Aristóфанes anotado, um Tito Lívio «pícolo», um Catulo; finalmente, a Latino Latini, o famosíssimo humanista que lhe dava o título de *librorum uenator et helluo*, um volume com Heródoto e Políbio em grego <sup>126</sup>.

Claro está que nem sempre a generosidade recebia em troca honestidade. Pierre de Nolhac no seu estudo sobre os livros de Fulvio Orsini, afirma que este vendeu à Vaticana um César, velho manuscrito subtraído a Aquiles Estaço; em contrapartida, no inventário da livraria de Aquiles, de certo livro o catalogador advoga que se restitua à Biblioteca Vaticana <sup>127</sup>.

<sup>126</sup> Também o trabalho filológico dos editores de clássicos greco-latinos testemunha o recurso à livraria de Aquiles Estaço. A título de exemplo veja-se a carta ao leitor dos *HIPPARCHI BITHYNI IN| ARATI ET EVDOSI| Phaenomena Libri III. [...] /FLORENTIAE./ In officina IVNTARVM, Bernardi Filiorum./ M.D.LXVII./*, epístola em que um humanista como Pietro Vettori não deixa de se confessar devedor da franqueza do nosso bibliófilo. Com efeito, nesse texto proemial, ao indicar o método seguido na edição do comentário de Hiparco aos *Fenómenos* de Arato e Eudoxo, Pier Vettori declara ter procedido ao confronto de códi-ces das bibliotecas Medicea e Vaticana, para, logo, afirmar ter ainda compulsado livros que Estaço lhe remetera de Roma: *Achillis itidem duo exemplaria nactus sum, non parum inter se multis locis discrepantia [...] missa quoque sunt ad me Roma una cum Achille, scripta quaedam [...]*.

<sup>127</sup> Vale a pena reproduzir o relato das manigâncias de Orsini feito pelo estudioso francês: «Une autre fois, Estaço a prété au cardinal Ranuccio un manuscrit des *Commentaires* de César. Au bout de quelque temps, il en a besoin et le réclame. Fulvio, qui est alors à Bologne avec le cardinal, a envie de garder le César pour son compte; il écrit à un officier du palais Farnèse de faire toutes les recherches possibles dans les deux bibliothèques de la ville et de la campagne, pour satisfaire le désir du propriétaire; mais en même temps, par une lettre confidentielle, il l'avertit qu'il est inutile de chercher et qu'il suffit de dire à Estaço qu'on n'a rien trouvé. Il recommandait instamment de brûler sa lettre secrète; le destinataire n'en a rien fait, et, dans un volume de correspondances oubliées, nous trouvons aujourd'hui le témoignage de cette perfidie à l'égard d'un ami et d'un confrère.» Nolhac transcreve de seguida o texto latino das duas epístolas; vd. Pierre de Nolhac, *La Bibliothèque de Fulvio Orsini — Contribution à l'Histoire des collections d'Italie et à l'étude de la Renaissance*, Genève, Slatkine Reprints, 1976, pp. 90-91.

Que a riqueza da livraria estaciana despertava a cobiça de bibliófilos e argen-tários comprova-o o facto de logo após a morte de A. Estaço, ao conhecerem o destino da sua biblioteca, aparecerem muitos 'amigos' do nosso humanista a reclamar junto dos padres filipinos livros que, alegadamente, lhe teriam emprestado. O número destes 'credores' era de tal ordem que houve necessidade de a congregação encarregar o P. Antonio Talpa desta questão. Vd. E. Pinto, *op. cit.*, pp. 18-19.

O rol dos livros do nosso humanista denuncia com grande nitidez os seus interesses, o itinerário da sua formação, a evolução espiritual, as afinidades e as distâncias em relação às personagens mais proeminentes do tempo, permitindo-nos entrever com clareza o seu horizonte cultural.

A biblioteca de Aquiles Estaço é, antes de mais, o espelho da alma de um erudito católico, que, num momento de transição, procura ainda preservar o essencial dos ideais humanístico-renascentistas.

Na epístola nuncupatória que antecede o seu *Catullus cum commentario*, de que damos tradução no livro sobre as orações de obediência <sup>128</sup>, Estaço terça armas pela cultura greco-latina, invocando a necessidade de compreender o contexto histórico-cultural em que tais obras surgiram, alega o exemplo autorizado de alguns Padres da Igreja e a destrinça que importa fazer entre estética e ética, ideias orientadoras jamais derogadas nos seus escritos. Lemos nos seus inéditos:

«Il christiano si puo valere della eruditione de gentili et pigliare quelche dicono di buono, sicome Verg<sup>o</sup> diceva che colligebat aurum ex stercore Enij» <sup>129</sup>. Refira-se que o inventário da sua livraria regista uns *Commentarii in Priapea*, cópia manuscrita, in 4<sup>o</sup>, da colectânea de 85-86 poemas latinos redigidos, na época de Augusto, em honra de Priapo, volume demasiado livre, por isso condenado «ad ignem» pelo catalogador.

E a propósito da ubiquidade do legado clássico Estaço observa: «É de espantar que screvendo Nazianzeno a Nysseno que não lea os poetas gentios, encha a epistola de versos de Homero» <sup>130</sup>.

E não deixa de ser deveras significativa a omnipresença da mitologia pagã, mesmo quando Estaço pretende ilustrar meditações espirituais. Dois exemplos:

«quanto mais o corpo se da a terra mais forças cobra contra a alma, a guisa de Anteo gigante quando combatia com Hércules» <sup>131</sup>,

«quando l'huomo fa un peccato si dispone a un' altro si come alla uoce di polyphemo cõcorsero gli altri giganti» <sup>132</sup>.

A livraria de Aquiles Estaço pouco tem a ver com bibliotecas tipicamente contra-reformistas como a do cardeal Silvio Antoniano, está

<sup>128</sup> Belmiro Fernandes Pereira, *As orações de obediência de Aquiles Estaço*, Coimbra, INIC, 1991, pp. 29-32.

<sup>129</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 139r.

<sup>130</sup> Biblioteca Vallicelliana, C. 56, fol. 60v.

<sup>131</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 94v.

<sup>132</sup> Biblioteca Vallicelliana, B. 112, fol. 130r.

ainda longe da biblioteca teórica de Antonio Possevino (*Bibliotheca Selecta*, Roma, 1593).

\* \* \*

Pelo número e pelo preço das espécies reunidas, a livraria de Aquiles Estação iguala as maiores bibliotecas particulares do seu tempo<sup>133</sup>. Havia maiores, é certo; a livraria do cardeal Sirleto, por exemplo, possuía quase o dobro de obras impressas (4 469) e um número ainda mais impressionante de manuscritos gregos e latinos: 1 872. Mas, como reconheceram os estudiosos que dela se ocuparam, a biblioteca do guarda-mor da Vaticana, mesmo em Roma, era um caso excepcionalíssimo, só admitiria confronto com algumas bibliotecas principescas. Ora não deixa de ser extremamente significativo que tanto a livraria do nosso Estação como a de Guglielmo Sirleto tenham sido objecto da cobiça dos agentes de Filipe II, quando o Rei Católico procurava enriquecer as estantes do Escorial acabado de construir<sup>134</sup>.

<sup>133</sup> Tanto na quantidade, como na natureza dos volumes que a constituíam, assemelhava-se muito à livraria do cardeal Borromeu, descrita no *Lex librorum bibliothecae B. Caroli*. Entre os livros do santo arcebispo de Milão contam-se algumas obras de autores portugueses como Diogo de Paiva de Andrade, Francisco Foreiro e Jerónimo Osório. Mas, ao contrário do que se poderia pensar, não se trata de uma livraria ideologicamente condicionada; se é verdade que os autores e as obras mais significativas do movimento contra-reformista têm aí lugar de destaque, diga-se também que autores proibidos e obras suspeitas são mencionados nesse catálogo, designadamente, Erasmo (*Adagia*, *Apophthegmata*, *Erasmus in novum testamentum*, *Paraphrases super Evangelia*) e Lefèvre d'Étaples (*Psalterium quintuplex*). Vd. A. Saba, *La biblioteca di S. Carlo Borromeo*, Firenze, Fontes Ambrosiani n.º 12, 1936.

<sup>134</sup> Vd. André Schott, *Hispaniae Bibliotheca*, Francofurti, apud Claudium Marnium et haeredes Ioan. Aubrii, 1608; Charles Dejob, *De l'influence du Concile de Trente*, Genève, Slatkine Reprints, 1969, pp. 356-361 [Paris, 1884] e Irena Backus — Benoît Gain, *op. cit.*, pp. 919-924. Também a livraria de Santa Cruz, não fora a prudência dos cónegos, esteve a ponto de ser despojada dos seus códices mais preciosos. Com efeito o frade espanhol Frei Jerónimo Roman, que visitou Tomar e Alcobaça em 1588 e 1589 e estanciou, antes de 1590, mais do que uma vez, em Santa Cruz de Coimbra, na sua memória, depois de descrever a livraria do mosteiro e referir a resposta negativa com que foi acolhida a sua vontade de ver alguns vetustos *codices de mano*, escreve: «e assi dando yó noticia a Su Magestad quando le llevé algunos libros peregrinos, le dixé, que este Monasterio tenia mui buenos originales de Doctores antiguos, porque descava traher al Esquorial simijantes antiguarios» (vd. Jerónimo Román, *La Historia del Religiosissimo, y Real Monasterio de Alcobaça*, códice 51-V-25 da Bibl. da Ajuda, apud António Cruz, *Santa Cruz de Coimbra na Cultura Portuguesa da Idade Média*, vol. I, Observações sobre o Scriptorium e os Estudos Gerais, Porto, 1964, pp. 237-259).

A preeminência da sumptuosa biblioteca do nosso humanista, que, como vimos, rondava 2 500 obras, facilmente se comprova pelo confronto com outras livrarias particulares do tempo.

Entre os 194 catálogos de bibliotecas privadas, só para o período de 1493-1560, encontrados por R. Doucet em arquivos notariais de Paris, avultam os das livrarias de Jean Le Féron, Gaston Olivier e de Antoine Du Prat. A primeira livraria compreendia apenas 783 títulos, a segunda, em 1552, possuía somente 790 e a de Antoine Du Prat, a mais rica, era constituída, em 1557, por «1184 ouvrages bien-choisis, quelques-uns précieux, recueillis par deux générations de collectionneurs opulents»<sup>135</sup>. No pecúlio deixado por Guillaume Sacher (1522-1581), doutor em Medicina e cónego em Poitiers, além de rica pedraria e valiosas alfaias litúrgicas, avultava a biblioteca de cerca de 800 volumes<sup>136</sup>.

A livraria da Academia teológica de Genebra, fundada e dirigida por Calvino e Théodore de Bèze, possuía, em 1572, à volta de 723 obras indicadas nas 474 entradas do *Catalogus Librorum Bibliothecae Genevensis*<sup>137</sup>.

O inventário da livraria do historiógrafo Giovanni Michele Bruto (1517-1592), humanista veneziano que, pela sua heterodoxia, se viu compelido ao exílio em várias cortes da Europa oriental, registava apenas 763 títulos<sup>138</sup>. Da preciosíssima biblioteca de Angelo Colocci (1474-1549), humanista de tão vastos interesses a quem devemos o *Cancioneiro* da lírica galego-portuguesa, hoje chamado *da Biblioteca Nacional*, conhecem-se cinco inventários parciais, que, no total, mesmo que não se verifiquem repetições, registrarão, no máximo, cerca de 1 500 títulos<sup>139</sup>. E Carmelo Trasselli, depois de percorrer vários elencos de livrarias quinhentistas pertencentes a Pietro Giovanni De Grandis (mais de 300 livros), Giovanni Battista de Pizaccanis da Ferrara, Franciscus Colutii de Pixia (Pescia), Annibale Sancio (299 volumes de obras exclusivamente jurídicas), Andrea Matteo d'Acquaviva, Paolo Emilio,

<sup>135</sup> Vd. R. Doucet, *Les bibliothèques parisiennes au XVIIe siècle*, Paris, Éditions A. et J. Picard, 1956.

<sup>136</sup> Vd. Jean Plattard, «La bibliothèque et la collection de tableaux d'un chanoine de Poitiers en 1581», *Revue du Seizième Siècle* 7 (1920), pp. 291-292.

<sup>137</sup> Vd. A. Ganoczy, *La Bibliothèque de l'Académie de Calvin. Le catalogue de 1572 et ses enseignements*. Genève, Librairie Droz, 1969.

<sup>138</sup> Vd. Claudio Madonia, «La biblioteca di Giovanni Michele Bruto», *Rinascimento* 23 (1983), pp. 261-302.

<sup>139</sup> Vd. R. Bianchi, «Per la biblioteca di Angelo Colocci», *Rinascimento* 30 (1990), pp. 271-282.

arcebispo de Verallo (776 obras relativas aos dois direitos, à teologia e aos clássicos greco-latinos), conclui: «La biblioteca più ricca fra quelle di cui ho trovato l'inventario, apparteneva alla buona memoria "Achillis Statii"»<sup>140</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTOLIN, Guillermo, «La librería de Felipe II», *Boletín de la Real Academia de la Historia*, Madrid, 90 (1927).
- BACKUS, Irena — GAIN, Benoît, «Le Cardinal Guglielmo Sirloto (1514-1585), sa bibliothèque et ses traductions de saint Basile», *Mélanges de l'École française de Rome: Moyen Age — Temps Modernes* 98 (1986), pp. 889-955.
- BARROUX, Robert, «Catalogue d'une bibliothèque de la fin du XVIe siècle», *Revue du Seizième Siècle* 15 (1928), pp. 324-336.
- BIANCHI, Rossella, «Per la biblioteca di Angelo Colocci», *Rinascimento* 30 (1990), pp. 271-282.
- Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal. 1501-1700*, Porto, Faculdade de Letras — Instituto de Cultura Portuguesa, 1988.
- BRANDÃO, Mário, «Contribuições para a história da Universidade de Coimbra — a livraria do Pe. Francisco Suárez», *Biblos* 3 (1927), pp. 325-349; *Estudos Vários*, Coimbra 1 (1972), pp. 45-122.
- CARVALHO, Joaquim de, «A livraria de um letrado do séc. XVI — Fr. Diogo de Murça», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1927; *Obra Completa. II. História da Cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 569-638.
- CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de, «Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra», *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914, pp. 40-55, 96-110, 148-158, 195-206, 242-254, 295-302, 384-388 e 575-582.
- , «Pedro de Mariz e a Livraria da Universidade de Coimbra», *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914, pp. 389-398, 438-446, 482-494 e 533-542.
- CECCOPIERI, Isabella, «Il fondo manoscritti della Biblioteca Casanatense», *Accademie e Biblioteche d'Italia* 56 (1988), pp. 22-42.
- CEPEDA, Isabel Vilares, «Os livros da Rainha Dona Leonor, segundo o código 11352 da Biblioteca Nacional de Lisboa», *Revista da Biblioteca Nacional*, 2.<sup>a</sup> série, 2 (1987), pp. 51-81.
- CHARTIER, Roger, *L'Order des Livres — Lectures, Auteurs, Bibliothèques en Europe entre XIV et XVIII siècle*, Aix-en Provence, 1992.

<sup>140</sup> Cf. Carmelo Trasselli, «Librerie private nella Roma cinquecentesca», *Roma* 13 (1935), pp. 121-128.

- COSTA, Avelino de Jesus da, *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos sécs. XV a XVIII*, separata de *Theologica*, Braga, 18 (1983).
- , *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Coimbra nos sécs. XI a XVI*, Coimbra, Coimbra Editora, 1983.
- DANTAS, Júlio, «Os livros em Portugal na Idade Média. A livraria do Infante Santo», *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Lisboa, II série, vol. II (1921), pp. 101-109.
- , «Os livros em Portugal na Idade Média. A livraria de Mumadona», *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Lisboa, II série, vol. II (1921), pp. 2-7.
- DOREZ, L., «Recherches et documents sur la bibliothèque du cardinal Sirleto», *Mélanges de l'École française de Rome* 11 (1891), pp. 457-491.
- DOUCET, R., *Les bibliothèques parisiennes au XVIIe siècle*, Paris, Éditions A. et J. Picard, 1956.
- FORMICA, Patrizia, «Ancora sulla biblioteca manoscritta di Stazio», *Accademie e Biblioteche d'Italia* 57 (1989), pp. 5-14.
- FRAJESE, Vitorio, *Il popolo fanciullo. Silvio Antoniano e il sistema disciplinare della controriforma*, Milano, Franco Angeli, 1987, cap. VIII: «La biblioteca di San Ciappelletto».
- GANOCZY, A., *La Bibliothèque de l'Académie de Calvin. Le catalogue de 1572 et ses enseignements*. Genève, Librairie Droz, 1969.
- GERSBACH, K., «The Books and Personal Effects of Young Onofrio Panvinio, O.S.A. in Vat. Lat. 7205», *Analecta Augustiniana* 52 (1989), pp. 53-76.
- Histoire du livre et de l'édition dans les Pays Ibériques: la dépendence*, Bourdeaux, Presses Universitaires, 1986.
- JOURDA, P., «La bibliothèque d'un juge à Narbonne au début du XVIIe siècle», *Revue du Seizième siècle* 3 (1936), pp. 420-428.
- KAEPPELI, T., «Antiche biblioteche domenicane in Italia», *Archivum Fratrum Praedicatorum* 36 (1966), pp. 5-80.
- KER, Neil R., «Oxford College libraries before 1500», *The Universities of the Later Middle Ages*, edited by J. Ijsewijn — J. Paquet, Louvain University Press, 1978, pp. 293-311.
- LAUMONIER, Paul, «Sur la bibliothèque de Ronsard», *Revue du Seizième Siècle*, 14 (1927), pp. 315-335.
- «List of Books presented by the earl of Essex in 1600, still in the Bodleian», *Bodleian Quartely Record*, Vol. III, 34 (1922), pp. 241-244.
- LUCCHESI, C., «L'antica libreria dei padri domenicani di Bologna alla luce del suo inventario», *Atti e memorie della R. Deputazione di storia patria per le provincie di Emilia e Romagna* 5 (1939-1940), pp. 205-251.
- MADAHIL, A. G. da Rocha, «Os códices de Santa Cruz de Coimbra», *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra* VIII (1927), pp. 379-420; IX, pp. 192-229 e 352-383; X, pp. 55-105.
- MADONIA, Claudio, «La biblioteca di Giovanni Michele Bruto», *Rinascimento* 23 (1983), pp. 261-302.
- MARTINS, Mário, «A rainha D. Leonor e os livros», *Brotéria* 77 (1958), pp. 249-257.
- MICHAU, D. H., *Les bibliothèques des secrétaires du Roi au XVIIe siècle*, Bibl. École de Chartres, juill.-déc. 1968 (1969).
- MONFRIN, J., «La bibliothèque de Francisc Eiximensis (1409)», *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance* 29 (1967), pp. 447-484.

- MURPHY, James M., *Renaissance Rhetoric. A Short-Title Catalogue of Works on Rhetorical Theory from the Beginning of Printing to A.D. 1700 [...]*, compiled by ..., New York, Garland Publishing, 1981.
- NASCIMENTO, Aires Augusto, «Livros e Claustro no séc. XIII em Portugal: o Inventário da Livraria de S. Vicente de Fora, em Lisboa», *Didaskalia* 15 (1985) pp. 229-242.
- NOLHAC, Pierre de, *La Bibliothèque de Fulvio Orsini — Contribution à l'Histoire des collections d'Italie et à l'étude de la Renaissance*, Paris, Vieweg, 1887 [reimp. Genève, Slatkine Reprints, 1976].
- , «La bibliothèque d'un humaniste au XVIe siècle. Catalogue des livres annotés par Muret», *Mélanges d'archéologie et Histoire*, Roma, École Française de Rome, 3 (1883), pp. 202-238.
- OLIVEIRA, António de, «A livraria de um canonista do séc. XVI», *Revista da Universidade de Coimbra* 22 (1970), pp. 61-155.
- , «A livraria de um teólogo do séc. XVI», *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* 27 (1966), pp. 541-588.
- PEREIRA, Belmiro Fernandes, *As Orações de Obediência de Aquiles Estaço*, Textos Humanísticos Portugueses, Coimbra, INIC, 1991.
- PEREIRA, Isaias da Rosa, «A livraria da Universidade no início do séc. XVI», *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, 10-12 (1967), pp. 155-170.
- , «Dos livros e dos seus nomes: bibliotecas litúrgicas medievais», *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, 18 (1971-1973), pp. 97-166.
- PIEL, Joseph Maria, *D. Duarte. Leal Conselheiro*. Ed. crítica de ..., Lisboa, Bertrand, 1942, pp. 414-417.
- PINTO, Elena, *La Biblioteca Vallicelliana in Roma*, Roma, nella Sede della Società alla Biblioteca Vallicelliana, 1932.
- PLATTARD, Jean, «La bibliothèque et la collection de tableaux d'un chanoine de Poitiers en 1581», *Revue du Seizième Siècle* 7 (1920), pp. 291-292.
- , «La bibliothèque de Jehan de Raffou, Docteur régent de la Faculté de Médecine de Poitiers (1584-1635)», *Revue du Seizième Siècle* 9 (1922), pp. 252-255.
- QUENTIN-BAUCHART, E., *La bibliothèque de Fontainebleau et les livres des derniers Valois (1515-1589) à la Bibliothèque Nationale*, Paris, 1891.
- ROSA, Maria Teresa — FORMICA, Patrizia, «Contributo per una ricostruzione della biblioteca manoscritta di Achille Stazio», *Accademie e Biblioteche d'Italia* 55 (1987), pp. 5-16.
- RUSO, M. Teresa Bonadonna, «Origini e vicende della Biblioteca Vallicelliana», *Studi Romani* 26 (1978), pp. 14-34.
- SABA, A., *La biblioteca di S. Carlo Borromeo*, Firenze, Fontes Ambrosiani n.º 12, 1936.
- SANCHEZ CANTON, F. J., *La biblioteca del Marqués del Cenete: iniciada por el cardenal Mendoza: 1470-1523*, Madrid, Instituto Nicolau Antonio — CSIC, 1942.
- SCHIFF, Mario, *La bibliothèque du Marquis de Santillana*, Paris, Librairie Émile Bouillon, 1905.
- TRASELLI, Carmelo, «Librerie private nella Roma cinquecentesca», *Roma* 13 (1935), pp. 121-128.
- ULLMAN, B. L. — STADTER, P. A., *The Public Library of Renaissance Florence. Niccolò Niccoli, Cosimo de' Medici and the Library of San Marco*, Padova, Editrice Antenore, 1972.

- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *D. Pedro de Portugal, Tragédia de la insigne reina Doña Isabel*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922 (2.<sup>a</sup> ed.), pp. 121-144.
- VERDELHO, Telmo, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesa*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1988.
- VITERBO, J. M. Sousa, «A livraria Real, especialmente no Reinado de D. Manuel», *Historia e Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, NS, 2.<sup>a</sup> Classe, t. IX, parte I (1902), pp. 1-73.
- ZARRI, Gabriella, «Note su diffusione e circolazione di testi devoti (1520-1550)», *Libri, idee e sentimenti religiosi nel Cinquecento italiano*, Ferrara, Edizioni Panini, 1987, pp. 131-154.

## INDEX HISTORICVS

### A

ACQUAVIVA, Andrea Matteo d' 296.  
AGOBARDO DE LIÃO 278.  
AGOSTINHO (Santo) 279-280, 284-288.  
AGUSTÍN, António 261, 290, 293.  
ALBERTO MAGNO (S.) 278, 282 n. 84.  
286, 288 n. 112.  
ALCIATO, André 289.  
ALEXANDRE DE AFRODÍSIA 286.  
ÁLVARES, Manuel 260 n. 12, 272.  
AMBRÓSIO (Santo) 280.  
ANDRADE, Diogo de Paiva de 295  
n. 133.  
ANGELA DE FOLIGNO (B.) 282.  
ANSELMO (Santo) 278.  
ANTIQUARIO, Jacopo 273.  
ANTONIANO, Silvio 259, nn. 10-11, 263  
294.  
ANTONINO (Santo) 278.  
ANUNCIACÃO, Maria da 263 n. 20.  
ÁQUILA ROMANO 274.  
ARATO 293 n. 126.  
ARIAS MONTANO, Benito 280.  
ARISTÓFANES 275, 293.  
ARISTÓTELES 285-286, 288.  
ASCÓNIO PEDIANO 275.  
ATAÍDE, D. Jorge de 258 n. 10,  
ATANÁSIO (Santo) 280 n. 76.  
AUSÓNIO 275.  
AVERRÓIS 286.  
AVICENA 286.  
AZPILCUETA NAVARRO, Martinho de  
258.

### B

BACON, John 286.  
BALBO DE GÉNOVA, João 276.  
BALDO 289.  
BANDALOCCHI, Vincenzo 263.  
BANDELLO, Matteo 266.

BARBARO, Ermolao 273.  
BARBOSA, Aires 272.  
BARONIO, Cesare 260-263.  
BARREIROS, Gaspar 270-272.  
BARROS, João de 257-258, 272.  
BARTOLO 289.  
BASÍLIO (S.) 280 n. 76, 283.  
BAUDOUIN, François 289.  
BAYSO, Guido de 289.  
BEDA-O-VENERÁVEL 279-280.  
BELEAGO, Belchior 267.  
BEMBO, Pietro 273-274, 279.  
BENTO (S.) 282.  
BERNARDIS, Francesco de 263.  
BERNINI 265.  
BEROALDO, Filippo 273.  
BEROALDO IL VECCHIO, Filippo 273.  
BEROSO 271.  
BESSÁRION, Cardeal 287.  
BÈZE, Théodore de 296.  
BINET, Claude 271.  
BIONDO, Flavio 273.  
BLADIO, Antonio 270.  
BOAVENTURA (S.) 278.  
BOCCACCIO 266, 274.  
BOÉCIO 279, 287-288.  
BORROMEU, S. Carlos 259, nn. 10-11,  
280, 295.  
BORROMINI, Francesco 265.  
BOSIO, Antonio 261 n. 16.  
BRUTO, Giovanni Michele 296.  
BUDÉ, Guillaume 289.  
BULLINGER, Heinrich 278.  
BURIDAN, João 286.  
BURLEIGH, Walter 286.

### C

CAJETANO, Tomás de Vio 278, 285.  
CALEPINO 276.  
CALHANDRO, Jorge 259 n. 11.

CALÍMACO 275.  
 CALVINO 296.  
 CAMERÁRIO, Joachim Liebhard 275.  
 CAPREOLO, Giovanni 278.  
 CARDOSO, Jerónimo 258, 266-267, 269.  
 CARLI, Giacomo Antonio 263.  
 CARVAJAL, Juan 278.  
 CASSIANO 262.  
 CASSIODORO 280-288.  
 CATARINA (D.) 257.  
 CATARINA DE BOLONHA (S.) 282.  
 CATARINA DE GÉNOVA (S.) 282.  
 CATARINA DE SENA (S.) 282.  
 CATÃO 284.  
 CATULO 265 n. 26 281, 283.  
 CÉSAR 293.  
 CHALCONDILAS, Demétrio 276.  
 CINGOLI, Virgilio Boccacci da 263.  
 CINTIO, Giraldi 266.  
 CISNEROS, Cardeal 280.  
 CÍCERO 273-275, 278, 288.  
 CLARIO BRIXIANO, Isidoro 285.  
 CLÁVIO, Cristóvão 260.  
 CLENARDO, Nicolau 275-276.  
 COCHLEUS, Johann 278.  
 COELHO, Jorge 272.  
 COLOCCI, Angelo 256, 296.  
 COLOMBO, Cristóvão 292.  
 COMESTOR, Pedro 276.  
 COMPAGNUS, Nicolai 262.  
 CONSOLINI, Pietro 264.  
 CORAS, Jean de 289.  
 CORREIA, Luís 257.  
 CORREIA, Tomé 259 n. 11, 273, 291.  
 CORTESE, Paolo 273.  
 COSTA, Manuel da 268.  
 CRINITO, Pietro 273.  
 CUJAS (o Cujácio), Jacques 289.  
 CUNHA, D. Pedro da 263 n. 20.  
 CUSA, Nicolau de 287.

## D

DANTE ALIGHIERI 274.  
 DATI, Agostino 275.  
 DIOMEDES 274.  
 DIONISIO NESTOR DE NOVARA 276.  
 DONATO 275.  
 DORAT, Jean 281.

DUARTE (D.) 257, 286 n. 103.  
 DURANDO 289.  
 ECK, Johann 278.  
 ECOLAMPÁDIO, Johan 278.  
 EGÍDIO ROMANO 286.  
 ENEIAS DE GAZA 287.  
 ÉNIO 294.  
 ERASMO 283-286, 295 n. 133.

## E

ESCOTO, Duns 278, 286.  
 ESSEX, Conde de 273.  
 ESTAÇO, Estevão Nunes n. 20 263.  
 ESTAÇO, Paulo Nunes 257.  
 ESTELLA, Fr. Diego de 259 n. 10.  
 ESTIENNE, Henri 277, 281.  
 ESTIENNE, Robert 277, 280-281.  
 ESTRABÃO 292.  
 ETAPLES, Lefèvre d' 281.  
 EUCLIDES 292.  
 EUDOXO DE CNIDOS 293 n. 126.  
 EULÓGIO 292.  
 EUSÉBIO DE CESARFIA 277.

## F

FAERNO, Gabriele 260, 274.  
 FARNESE, Alessandro 260, 292.  
 FERNANDO, Infante D. 257.  
 FERNÁNDEZ DE MADRID, Alonso 283  
 n. 87.  
 FICINO, Marsilio 273, 287, 290.  
 FILELFO, Francisco 273.  
 FILIPE II 295.  
 FILIPE, Bartolomeu 270.  
 FONSECA, Pedro da 260 n. 12, 271, 288.  
 FOREIRO, Francisco 261, 271, 299.  
 FRACASTORO, Girolamo 274.  
 FRANCISCO (S.) 282.  
 FRIZZOLI, Lorenzo 261.  
 FRÓIS, Francisco Rodrigues 257.

## G

GAMA, Vasco da 257.  
 GAMBARA DA BRESCIA, Lorenzo 261,  
 274, 292.  
 GANFORT, W. 283.  
 GAZA, Teodoro 275.

GERSEN, Giovanni 283 n. 85.  
 GERSON, Jean 283.  
 GERTRUDES (S.) 282.  
 GESNER, Conrad 277.  
 GIGLI, Nicolò 263.  
 GIOVIO, Paolo 274.  
 GIUNTA, Filippo 260.  
 GIUNTA, Giacomo 260.  
 GÓIS, Damião de 269.  
 GOUVEIA, António de 269, 275.  
 GRANADA, Fr. Luís de 259 n. 10.  
 GRANDIS, Pietro Giovanni de 296.  
 GREGÓRIO DE NAZIANZO (S.) 280 n. 76,  
 294.  
 GREGÓRIO DE NISSA (S.) 280.  
 GREGÓRIO MAGNO (S.) 280.  
 GREGÓRIO XIII 259 n. 10, 260, 291.  
 GUILHERME DE PARIS 283.

## H

HENRIQUE, Cardeal D. 263 n. 20, 272  
 n. 44.  
 HERMES TRISMEGISTO 290.  
 HERÓDOTO 293.  
 HESÍQUIO DE ALEXANDRIA 276.  
 HIÉROCLES DE ALEXANDRIA 287.  
 HIPARCO 293 n. 126.  
 HOMERO 294.  
 HORÁCIO 275.  
 HOSIUS, Stanislaw 261.  
 HUGO DE S. VÍTOR 278.

## I

INÁCIO DE ANTIOQUIA (S.) 278.  
 INÁCIO DE LOIOLA (S.) 259.  
 ISIDORO (S.) 276.

## J

JÂMBLICO 287.  
 JERÓNIMO (S.) 284, 292.  
 JOÃO CRISÓSTOMO (S.) 280, 284, 291.  
 JOÃO DAMASCENO (S.) 278.  
 JOÃO DE COSENZA 273.  
 JOÃO DE JANDUN 286.  
 JOÃO III (D.) 257.  
 JÚLIO POLUX 276.  
 JUSTINIANO 289.  
 JUVENAL 275.

## K

KEMPIS, Tomás de 282, 283 n. 85,

## L

LAMBIN, Denys 285.  
 LANDINO, Cristoforo 273.  
 LÁSCARIS, Constantino 275.  
 LATINI, Latino 261, 290-291, 293.  
 LE FÉRON, Jean 296.  
 LEÃO MAGNO (S.) 284.  
 LEONARDO BRUNI D'AREZZO 273.  
 LEONICENO, Niccolò 273.  
 LEONOR (D.) 257, 277 n. 65.  
 LINACRE, Thomas 275.  
 LUCCA, Pietro de 282 n. 84.  
 LUCIANO 273 n. 44.  
 LUTERO 278.

## M

MANUEL (D.) 257.  
 MANUZIO, Aldo 273, 276, 286.  
 MANUZIO, Paolo 258 n. 10, 260, 274-  
 275.  
 MARCELO II 259 n. 11.  
 MARCHESINO, João 277.  
 MÁRIO VITORINO 275.  
 MARTINS, Francisco 269.  
 MARULLO, Michele 273.  
 MASCARENHAS, D. Fernando Martins  
 273, 275 n. 51.  
 MASIO 280 n. 77.  
 MAURO, Rábano 276.  
 MELISSO, Paul 261.  
 MENDES, Manuel 263 n. 20.  
 MENDOZA, D. Rodrigo de 256, 288  
 n. 112.  
 MESSIA, Biagio 263.  
 MIRANDOLA, Giovanni Pico della 273,  
 287.  
 MOMBAER, Johann 283.  
 MONTAIGNE 250 n. 15.  
 MORAIS, Inácio de 258.  
 MORIN, Pierre 263, 270-272.  
 MOSCHOPOLUS 275.  
 MOTA, João Vaz da 259 n. 11.  
 MURÇA, Frei Diogo de 257.  
 MURET, Marc-Antoine 258, 259 n. 11,  
 275, 285 n. 98.  
 MÜNZER 276.

## N

NANNINCK, Pieter 258, 281.  
 NEBRJA, Élio António de 275-276.  
 NERI, S. Filipe de 261, 283, 289.  
 NERO 258.  
 NUNES DE VALÊNCIA, Pedro João 277.

## O

OLIVIER, Gaston 296.  
 ORÍGENES 280.  
 ORÓSIO, Paulo 268, 272.  
 ORSINI, Fulvio 256, 292-293.  
 OSÓRIO, D. Jerónimo 263 n. 22, 271,  
 295 n. 133.

## P

PAGNINO, Sanctes 275, 277.  
 PAIS, Álvaro 268.  
 PANVINIO, Onofrio 256, 260.  
 PAOLO EMILIO (arcebispo de Verallo)  
 296.  
 PAPIAS 276.  
 PAULO III 260.  
 PAULO V 264.  
 PAUSÂNIAS 278.  
 PEDRO HISPANO 268.  
 PEDRO LOMBARDO 278, 288 n. 112.  
 PEDRO, Condestável D. 257.  
 PERIER, Charles 291.  
 PEROTTO, Nicolò 277.  
 PERPINHÃO, Pedro João 260 n. 12.  
 PETRARCA 274-292.  
 PEUTINGER, Konrad 268.  
 PICCOLOMINI, Eneas Silvio (Pio II) 273.  
 PINELLI, Giambattista 261, 292 n. 125.  
 PINTO, Fr. Heitor 271.  
 PIO IV 259 n. 11, 250.  
 PIO V 258, n. 10, 280 n. 76.  
 PIRES, Diogo 269.  
 PITÁGORAS 287.  
 PIXIA (Pescia), Franciscus Colutii de  
 296.  
 PIZACCANIS DA FERRARA, Giovanni  
 Battista de 296.  
 PLATÃO 285, 287, 288 n. 112.  
 PLATINA, Bartolomeo 273.  
 PLÍNIO 275, 292.

PLOTINO 287.  
 PLUTARCO 261 n. 15.  
 POGGIO BRACCIOLONI, Gian Francesco  
 273.  
 POLIDORO, Virgilio 274.  
 POLIZIANO, Angelo 273.  
 POLÍBIO 293.  
 POMPEIO FESTO 276.  
 POMPONAZZI, Pietro 273, 286.  
 POMPÓNIO LETO, Giulio 273.  
 PONTANO, Giovanni Joviano 273.  
 PORFÍRIO 287-288.  
 POSSEVINO, Antonio 295.  
 POSTEL, Guillaume 280 n. 77.  
 PRAT, Antoine du 295.  
 PRIERATE, Silvestro 278.  
 PRISCIANESE, Francesco 260.  
 PRISCIANO 275.  
 PROBO 275.  
 PROCLO 287.  
 PROPÉRCIO 265 n. 26, 273 n. 45.

## R

RAMÉE, Pierre de la 275, 286, 292.  
 RESENDE, André de 258, 269, 280.  
 REUCHLIN, Johann 276.  
 RICARDO DE S. VÍTOR 278.  
 ROBORTELLO, Francesco 258.  
 RODRIGUES EBORENSE, André 270.  
 ROMAN, Jerónimo 295 n. 134.  
 ROMUALDO (S.) 282.  
 RONSARD 270 n. 38.

## S

SÁ, Manuel de 266 n. 12.  
 SACCHETTI, Franco 266.  
 SACHER, Guillaume 296.  
 SADOLETO, Jacopo 273, 279.  
 SALMERON 280 n. 27.  
 SALÚSTIO 278.  
 SANCIO, Annibale 296.  
 SANNAZZARO, Jacopo 273-274.  
 SAVONAROLA, Gerolamo 282-283.  
 SCALIGER, Jules-Cesar 275, 291.  
 SÉNECA 258.  
 SEPÚLVEDA, Juan Ginés de 286.  
 SERAFINO DA FERMO 262 n. 17.

SETTICELLI 263.  
 SIDÓNIO APOLINAR 274.  
 SIGONIO, Carlo 258, 274-275.  
 SILVESTRE DE FERRARA 278.  
 SIMPLÍCIO 287.  
 SINÉSIO DE CIRENE 287.  
 SIRLETO, Guglielmo 256, 259-260, 281,  
 291, 295.  
 SOARES, Cipriano 260 n. 12, 273.  
 SOARES, D. Frei João 272.  
 SOTO, Domingos de 278.  
 SOTO, Pedro de 278.  
 STRAPAROLA 266.  
 SUETÓNIO 273 n. 45, 278.  
 SULPÍCIO 275.  
 SUZO, Henrique 282 n. 84.

## T

TÁCITO 278.  
 TALPA, P. Antonio 293 n. 127.  
 TEIVE, Diogo de 269.  
 TELÉSIO, Bernardino 287.  
 TEOFRASTO 286.  
 TERÊNCIO 260.  
 TEXTOR, Ravísio 277.  
 TIBULO 265 n. 26.  
 TITO LÍVIO 293.  
 TOLEDO, Francisco de 286.

TOMÁS DE AQUINO (S.) 278, 286.  
 TORQUEMADA, Juan de 281.  
 TRANCOSO, Gonçalo Fernandes 266.  
 TREBIZONDA, Jorge de 275.  
 TURNÈBE, Adrien 275.  
 TURRIANO, Francisco 278.

## U

ULPIANO 289.

## V

VALÉRIO MÁXIMO 277.  
 VALLA, Georgio 273.  
 VALLA, Lorenzo 273-275.  
 VARRÃO 290 n. 115.  
 VENETO, Paolo 273, 286.  
 VETTORI, Pietro 261, 274-275.  
 VIRGÍLIO 272 n. 44, 294.  
 VÓSSIO, Gerardo 275.

## X

XIMENES ARIAS, Diego 277.

## Z

ZENÃO 293.